

ANDY COLLINS

# HUNTER

ACERTO DE CONTAS





PERIGOSAS NACIONAIS

A N D Y C O L L I N S

# HUNTER

---

ACERTO DE CONTAS

1ª Edição



2019

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © Andy Collins, 2019

Copyright © The Gift Box, 2019

Todos os direitos reservados.

**Direção Editorial:**

Roberta Teixeira

**Gerente Editorial:**

Anastacia Cabo

**Arte de Capa:**

Dri KK Design

**Preparação de texto:**

Samantha Silveira

**Revisão:**

Martinha Fagundes

**Diagramação:**

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera PERIGOSAS ACHERON

coincidência.

ESTE LIVRO SEGUE AS REGRAS DA NOVA ORTOGRAFIA DA  
LÍNGUA PORTUGUESA.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA  
PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE  
LIVROS, RJ

MERI GLEICE RODRIGUES DE SOUZA - BIBLIOTECÁRIA  
CRB-7/6439

C674h

Collins, Andy

Hunter [recurso eletrônico] : acerto de contas / Andy Collins. - 1.  
ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2018.  
recurso digital ; 3 MB

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-52923-44-2 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

18-54423

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

# Sumário

[Início](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

# PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Epílogo](#)

[Epílogo do Epílogo](#)

# PERIGOSAS ACHERON





## AGRADECIMENTOS

Onze livros lançados depois, e ainda odeio chegar nessa parte, e se engana quem pensa que odeio escrever a palavra fim, não é disso que se trata, é da palavra “agradecimento”. Senhor! Consigo escrever até uma saga com elfos andróides que dançam Macarena vestidos de Chapolim, mas não consigo escrever um agradecimento decente.

Não que não tenha algo para agradecer.... Mas sabem como é difícil fazer isso? Mencionar cada nome de amigo, leitor, blogueiro, editor... Amo todos, mas é difícil segurar essa barra que é escrever um agradecimento à altura de todo carinho que vocês me dão.

Então, desculpem, não posso citar nomes e correr o risco de esquecer alguém, porém fico feliz em dizer que agora poderei finalmente aprender a jogar Free Fire, meus filhos aguardaram ansiosos pelo dia que eu entregaria esse manuscrito para a

editora, e assim, eles poderiam me ensinar a jogar (inclusive desenharam um tutorial). Já tenho a minha conta lá, e me chamo Creuza (valeu, crianças), agora é hora de aprender a atirar.

Obrigada a todos.

(Inclua seu nome aqui, certamente pensei em você quando escrevi obrigada).



## NOTA DA AUTORA

Muitas vezes, no decorrer do processo de escrita desse livro, eu só queria chegar em casa, sentar no sofá, ligar a TV e aguardar Alfred preparar meu Martini. E no instante que segurava o controle remoto, recordava-me: NÃO TEM NENHUM ALFRED!, e só restava ir para o computador trabalhar.

Droga, isso é tudo culpa sua, Bruce Wayne.



Esta obra contém cenas impróprias para leitores menores de 18 anos. Seu conteúdo envolve violência sexual, física e psicológica. Cenas explícitas de violência e sexo. Não é uma obra recomendada para leitores sensíveis ao tema.

Hunter é uma obra completamente fictícia, onde qualquer semelhança com nomes e lugares é mera coincidência.

Tanto a autora, quanto a editora, abominam o uso de violência a qualquer ser vivo. Não incentivamos o mesmo. Hunter é uma leitura para um público que quer sair da sua zona de conforto, e que está ciente que o tipo de relacionamento abordado no livro é tóxico, inadequado e irreal.

Se você faz parte desse público, sinta-se em casa. Aos demais, podemos nos ver em uma outra oportunidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

*Àqueles que não tem medo de amar, de errar, de  
pular.*

*Aos que fazem jus ao seu nome, honram a verdade  
e a justiça.*

*Aos que, de alguma forma, foram feridos, mas que  
sobreviveram e fizeram a diferença.*

# PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“O espírito esboça, mas é o coração que  
modela.”

**AUGUSTE RODIN**

PERIGOSAS ACHERON



FAITH

— Tem certeza de que não quer usar o vermelho? — Amanda mostra o vestido mais uma vez, tentando me convencer a usá-lo desde que contei sobre o jantar de hoje. É meu aniversário de um ano de casamento, e minha amiga parece estar mais eufórica do que eu.

— Não, vou usar o branco, já te disse.

— Você e suas simbologias. — Ela volta a guardar o vestido vermelho.

Amanda tem razão, eu adoro quando faço algo com significado. Hoje, Dom e eu comemoramos um ano de casados – nossas bodas de papel –, nada mais justo do que usar branco. Até porque, sei o quanto ele adora quando uso essa cor.

— Seu marido vai adorar essa sua versão pura e casta, Faith — brinca Amanda, antes de vir me ajudar a fechar o vestido.

— Você precisa trabalhar essa inveja que



tem do meu casamento. — Sorrio, sabendo que vai levar minhas palavras na brincadeira. Amanda e eu somos amigas desde a faculdade. Enquanto eu me formei em Ciências Sociais com a intenção de fazer uma pós-graduação em Ciências Políticas, ela se formou em Economia.

— Só quando você parar de esfregar sua felicidade na cara das amigas — responde quando termina de fechar o zíper.

— Obrigada — agradeço e ela se joga na minha cama.

— Você está linda, Faith, de verdade. Dominic vai enlouquecer ao vê-la essa noite.

— É essa a intenção, não é mesmo? — Pisco e coloco os brincos.

— Vai encontrá-lo ou ele vem te buscar?

— Marquei de encontrar com ele em um restaurante novo que abriu no centro. Vi algumas fotos do lugar e fiquei interessada em conhecer.

— Aquele francês?

— Esse mesmo. — Vou até o *closet* e pego minha bolsa. — Estou bem? Jura? — pergunto só para ter certeza.

— Está linda, Faith. Pare com essa paranoia.

— Amanda levanta da cama e vem ao meu encontro. — Vocês terão uma noite incrível. — E nos abraçamos.

— Obrigada — Só que ela sabe que não estou agradecendo apenas pelas palavras, e sim por toda sua ajuda.

Amanda passou o dia comigo, servindo de distração – e como ela disse –, talvez, eu esteja um pouco paranoica. Porém estou com uma sensação estranha que não passa desde o momento em que acordei e Dom não estava mais em casa; havia apenas um bilhete avisando que nos encontraríamos à noite.

Acompanho minha amiga até a porta e nos despedimos. Chamei um táxi enquanto ainda estávamos no quarto, portanto, quando ouço uma buzina e abro a porta, não consigo disfarçar a surpresa ao ver o carro do meu marido e não o que solicitei.

Dom sai do carro e abre a porta, e vou até ele com um enorme sorriso no rosto. Vejo seu olhar percorrer meu corpo, e isso me anima.

— Oi — digo e ele me beija castamente.

— Está linda. — Seu elogio me faz sorrir.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Dom fecha a porta depois que eu entro e o observo dar a volta e ocupar o seu lugar.

— Você interceptou o táxi? — pergunto, provavelmente já teria chegado aqui agora.

— Sim — diz como se fosse algo banal.

— Tem algum problema, Dom? — Olho para o seu rosto; ele parece tenso, as mãos estão segurando o volante com muita força. Há algo errado com ele, conheço essa expressão preocupada.

— Faith... — Ele tira as mãos do volante e enfia uma no bolso. — Sinto muito.

São as últimas palavras que ouço antes de um lenço branco cobrir a minha boca e nariz. Meus olhos se arregalam, assustados, mas logo fecham quando perco a consciência.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Não há fatos eternos, como não há  
verdades absolutas.”

**FRIEDRICH NIETZSCHE**

PERIGOSAS ACHERON

## CAPÍTULO 1

HUNTER

A parca iluminação da sala deixa meus nervos agitados. Apenas uma lâmpada no teto, que balança ao mínimo movimento, seja a porta se fechando com uma batida ou o corpo da mulher que se esgueirou até a parede, fugindo. Fugindo de mim.

Algo como um sorriso surge no meu rosto quando percebo seus olhos assustados. Gosto do que vejo. Uma pessoa frágil feito vidro, com medo. Será que ela sabe o que faço com o medo? Ela tem alguma ideia do que farei com seu corpo esguio e faminto?

— Que-quem é você? — Ela mal consegue falar. Seus dentes batem um contra o outro, com frio. As olheiras sob seus olhos mostram que não dormiu desde que chegou.

Agacho para ficarmos com os olhos na mesma altura, quero que ela me conheça, veja o

rosto do homem que irá destruí-la. Minha mão toca seu rosto e ela se retrai. Seguro firme no seu queixo e a trago para mais perto. Ela geme com meu aperto.

— Quem você pensa que eu sou? — pergunto. Ela pisca algumas vezes, acredito que não entendeu minha pergunta. — Eu sei quem você é — comento. — Faith Savage, vinte e cinco anos, formada em Ciências Sociais, esposa de Dominic Savage, agente do FBI. — Seus olhos ficam arregalados, ela está surpresa. — Esqueci alguma coisa?

— Quem é você? — Dessa vez suas palavras não vacilam, gosto mais dessa versão dela.

— Sou aquele que foi designado para tomar conta de você.

— Onde está o Dominic? — Ela tenta virar o rosto para olhar em volta, porém, não permito. O aperto da minha mão mantém seu rosto imóvel. — Onde está o meu marido?

— Provavelmente nos observando. — Viro seu rosto para que ela possa ver a câmera. Quando a percepção da realidade começa a atingi-la, sou contemplado com a primeira rachadura de sua

PERIGOSAS ACHERON

alma. A primeira de muitas.

— Ele me trouxe aqui... — sussurra mais para si do que para mim. Dessa vez, permito que movimente o rosto. Ela volta a me encarar e o que vejo em seus olhos me deixa extasiado. — QUEM É VOCÊ?! — grita, ou melhor tenta, já que suas forças foram diminuídas por causa dos dias sem alimentação.

— Sou aquele que quebrará você, e não só o seu corpo. — Levanto devagar, trazendo-a comigo. — Destruirei a sua alma, aniquilarei suas esperanças, até que não reste mais nada. — Ela me encara com olhos furiosos. Porra, como eu gosto disso. — Eu vou moldá-la, o seu corpo, e os seus desejos. — Desço e subo o olhar pelo corpo dela. — Não existirá um movimento seu que eu não saberei, ou que não se lembrará de mim. Das minhas mãos e da minha boca. — Volto a segurar firme o seu queixo e trago seu rosto para perto do meu, nossos narizes se tocando. — Não pense que sou seu pior pesadelo, estou longe disso. — Ela pisca, a fúria em seus olhos se esvaindo, dando lugar ao medo. — Os pesadelos surgem quando fechamos os olhos, e eu quero os seus bem abertos, PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

cientes da sua nova realidade. Realidade essa que eu faço parte a partir do momento que fui designado para cuidar de você. Desde o instante em que o seu marido te entregou para mim.

— Dominic — sussurra o nome dele.

— Todos sabem como eu trabalho, inclusive Dominic Savage. Será um prazer trabalhar com você, Faith.

Movimento o rosto dela para a câmera de novo, observo a fúria retornando aos seus olhos, só que dessa vez ela é destinada a outra pessoa.

— O que você quer de mim? — pergunta, mas sem me olhar. Ela encara a câmera. — O que você QUER?! — grita.

Sei exatamente como ela está se sentindo agora: confusa, agitada. Sem entender por que o homem que ela ama a trouxe para um lugar como esse. No entanto, eu a farei enxergar algo além deste quarto imundo. Eu a destruirei para que ela possa se reconstruir. Para que ela se torne uma de nós.

— Você será alimentada e limpa.

— Não me toque. — Tenta se afastar, mas não deixo.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é bastante corajosa para uma pessoa que está em desvantagem. — Faith olha ao redor tentando encontrar algo para se defender. — Você já sabe que não tem nada aqui, mas não se preocupe, vai sair desse buraco. Parte do meu trabalho é te deixar mais forte e isso não será feito aqui.

Olho em volta; é repugnante. Eu odeio esse quarto, e não me agrada quando preciso vir até aqui para recolher alguém. Vivi boa parte da minha vida em um lugar exatamente assim: frio, escuro, apenas o chão de cimento. A diferença era que não havia uma porta para me manter preso, e sim, correntes.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Aja antes de falar e, portanto, fale de  
acordo com seus atos.”

**CONFÚCIO**

PERIGOSAS ACHERON



## CAPÍTULO 2

DOM

Os números no relógio já não fazem mais sentido. Vinte e quatro horas? Quarenta e oito? Quanto tempo se passou? Há quanto tempo estou olhando hipnotizado para o pequeno monitor?

Não importa, o objeto da minha fascinação estava ali no centro do quarto. Não foi difícil trazê-la até aqui. Minha função é recrutar mulheres como ela, treiná-las até que fiquem perfeitas. Meu trabalho com ela foi um dos mais demorados. Dois anos, para ser mais específico.

Não saí dessa sala durante o período que ela esteve presa. O objetivo? Quebrá-la, destruir sua confiança, seu amor e a sua alma.

O perfil que tracei durante esses anos é impecável e, certamente, eu era o mais indicado para o serviço. Só que não seria eu a entrar na sala naquele momento.

Olho para a aliança de ouro no meu dedo;

retiro o objeto, não preciso mais dele. Abro a gaveta e o jogo lá dentro, o barulho do metal fazendo um arrepio correr por minha espinha. Volto a encarar o monitor. Sua aparência frágil não é nada comparada ao dia em que chegou.

Faith não faz ideia de onde está, mas sabe quem a trouxe. O homem em quem confiava cegamente, a quem ela revelou seus medos e segredos. O mesmo que trocou votos de amor eterno.

Observo quando alguém abre a porta e ela se assusta. Por puro instinto, seu corpo se arrasta para um dos cantos da sala. Mas algo no seu olhar diz que ela sabe que não conseguirá fugir.

Não do homem que está à sua frente. O segundo melhor nesse trabalho, depois de mim.

A frágil mulher dará lugar a uma guerreira. Ela vai aprender que não poderá confiar em ninguém.

— Dom? — Sayuri entra na sala.

— Sim.

— O comandante quer vê-lo. — Ela não me olha nos olhos, raramente o faz, e quando isso acontece, eu sei que algo está errado. Sayuri olha

PERIGOSAS ACHERON

diretamente para o monitor. — Por que não é você lá dentro? — pergunta sem tirar os olhos da tela.

— Ele é perfeito para o trabalho.

— Vai matá-la. — Seu tom é firme.

— Ele sabe que não pode.

— Você o conhece melhor do que ninguém.

Sabe que quando instigado, não conhece limites.

— Hunter conhece as regras, não irá quebrá-las. — Dessa vez ela olha surpresa para o meu rosto.

— Pode acabar com isso. Basta uma ordem sua e poderá treiná-la.

— Não posso.

— Você me treinou, por que não pode fazer o mesmo com ela? Eu posso treiná-la, Dom. Não a deixe com Hunter. — Seu tom permanece determinado, porém, vacila um pouco quando pronuncia o nome dele. — Faith não é como nós.

— Eu sei, e é por isso que ele é ideal para esse serviço.

— Sempre confiei no seu julgamento, mas acredite quando digo que isso é um erro. — Sayuri diz e sai da sala, batendo a porta. Volto a atenção para o monitor, e percebo que ela está assustada,  
PERIGOSAS ACHERON

quase que em pânico. Hunter a olha como se ela fosse um coelho, e ele, um leão.

Ele vai devorá-la, eu sei disso. E não posso impedir.

Acompanho seu olhar e o que vejo deixa todos os meus sentidos em alerta. Ela está em pé, e quando seu rosto vira na direção da câmera, tenho a certeza de que sabe que sou eu por trás da lente, porque seus olhos estão cheios de fúria.

Olhos da morte, algo que já vi diversas vezes na minha profissão.

Ela quer me matar.

Vejo Hunter sair da sala, e uma mulher entrar logo depois. Ela está sendo vestida. Seus saltos foram substituídos por botas de combate, o vestido de marca por algodão barato.

Não consigo ver seu rosto desse ângulo, alguém a colocou sentada em uma cadeira, e agora corta seu longo cabelo. Aperto as mãos em punho, fios de cabelo que até três dias atrás estavam envoltos em minha mão, suaves. Memórias de seus gemidos quando puxava um punhado deles e inspirava seu perfume ao mesmo tempo em que a fodía por trás, invadem minha cabeça e eu faço de

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

tudo para reprimir essas lembranças.

Minha missão com ela está acabada, e logo Faith estará agradecida.

## PERIGOSAS ACHERON

“Nós somos o que fazemos repetidamente.  
A excelência, portanto, não é um feito, mas  
um hábito.”

**ARISTÓTELES**



## CAPÍTULO 3

FAITH

Humilhada. Fraca. Faminta. Tudo isso em um intervalo de três dias. Minha cabeça estava confusa de muitas maneiras, só que eu soube o momento exato em que coloquei os pés no inferno.

Foi quando conheci Dom. Meu amigo, marido e amante.

Eu o conheci em um restaurante, no dia dos namorados, uma data que estava sendo comemorada por muitos naquele lugar. Eu só estava aproveitando com um grupo de amigos e ele fazia o mesmo. Era para ser uma coincidência engraçada, no entanto, virou uma história de amor. Ou melhor, virou a minha desgraça.

O que era para ser uma comemoração, tornou-se o meu pesadelo.

Ele me trouxe para um lugar que eu não fazia ideia de onde ficava, onde fiquei trancada seminua em um quarto escuro. Com fome,

passando frio e sozinha. Eu não o vi mais, porém, cada dor que meu corpo sentia agora, era sua culpa.

O homem que entrou aqui me aterrorizou com as suas palavras. Não sabia o que esperar, mas ele foi bem enfático sobre quem era o responsável pelo meu terror. Depois que ele saiu, uma sensação de alívio me inundou, só que não durou por muito tempo. Outras pessoas entraram, e sem nada dizerem, começaram a trabalhar.

Assim que a mulher que estava me vestindo termina seu trabalho, e a outra, ajeita meu cabelo já cortado, estou certa de que a minha vida de antes não existe mais. E pelo pouco que vi até agora, preciso lutar se quiser sobreviver.

Olho para cima e observo a câmera outra vez. Bile sobe pela garganta, mas eu a contenho.

— Vamos, nosso comandante quer vê-la. — Sigo a mulher para fora da sala, em direção a um lugar totalmente desconhecido para mim.

O corredor é estreito e escuro. Iluminado apenas por pequenas luzes de emergência, dando um ar militar. Isso eu já havia notado; as roupas que estou usando se parecem com vestimentas de soldados. A diferença é que a camiseta é vermelha,

PERIGOSAS ACHERON

não branca.

Meu cabelo balança conforme caminho, é estranho tê-lo tão curto. Passo os dedos entre os fios – desiguais e pegajosos.



— *Adoro seu cabelo. — Dom passa os dedos entre os fios. Estou deitada com a cabeça em seu peito, exausta pelo sexo.*

— *E se eu o cortasse? — provoco, e ele geme.*

— *Seria um desperdício. — Ri. — Mas acho que eu me apaixonaria novamente, e quantas vezes você mudasse.*

— *Você é um romântico incorrigível. — Beijo seus lábios.*

— *Não me culpe, é você quem faz isso comigo. — Ele aperta meu corpo mais próximo ao dele.*

— *Como está o trabalho?*

— *O de sempre, você conhece as regras. — Eu sabia, Dom era agente do FBI. Ele não me contava sobre os casos, porém, nunca me fez sentir*

*excluída. Seus amigos visitavam nossa casa com frequência; Sayuri era sua parceira, e nossa companhia constante nos almoços de domingo, junto com Mitchell, seu noivo.*



Balanço a cabeça para afastar as memórias quando percebo que o corredor termina e uma porta é aberta. A iluminação ofusca minha visão por um momento, e assim que consigo focar, o que vejo me deixa enojada.

— Bem-vinda à SIRIS, Faith — um homem alto de cabelo grisalho me cumprimenta. — Esse é o agente Savage. — Ele aponta para a figura no fundo da sala. Ele dá um passo à frente, seus olhos são frios, quase irreconhecíveis. — E este é o agente Hayes. — O outro homem também dá um passo à frente. Mas diferente do primeiro, seus olhos dançam com malícia, dando um sorrisinho para mim.

Minhas pernas vacilam, Hayes foi quem me aterrorizou há poucos minutos, e o agente Savage era Dominic, meu marido. O filho da puta que me

trouxe até aqui.

— Vocês trabalharão juntos. Savage será o responsável pelo seu treinamento com as armas, e Hayes será responsável no treinamento de resistência — o homem continua falando, mas não consigo acompanhar. Tenho dois pares de olhos me encarando como se eu não fosse nada.

— Que lugar é esse? — pergunto sem tirar os olhos de Dominic. Ele não faz nenhum movimento e quem responde é o senhor de cabelo grisalho.

— Fazemos parte da SIRIS, Faith. Somos caçadores e você foi recrutada para fazer parte de uma equipe de elite. — Olho incrédula para ele, sem saber o que pensar de toda essa conversa bizarra.

— Isso está parecendo um sonho louco — digo confusa. Nunca ouvi falar dessa tal de SIRIS. E *recrutada*? Só pode ser uma piada.

— Está mais para realidade. Uma realidade *bem* ferrada — declara Hayes. Seu tom de voz é duro e ele mantém os olhos em mim. Assim como Dominic, que não abriu a boca desde que entrei na sala.

Olho para as mãos dele que estão cruzadas na frente do corpo, há uma tatuagem com a face de um lobo cobrindo toda a sua mão direita. Diferente de Dominic, que está com os braços para trás, em uma postura séria.

Tinha tantas perguntas para fazer agora; muitas coisas para assimilar, mas a única coisa que consegui fazer foi andar até ele, olhar em seus olhos e dizer:

— Eu vou te matar, Dom. — Ele olha em meus olhos, estamos praticamente nariz a nariz. Meu corpo está fraco, porém, uma fúria incontrolável toma conta de mim.

— Estou contando com isso, Faith.

Ouvir meu nome saindo de seus lábios me surpreende, ele deixou de me chamar por ele desde que me pediu em casamento e ficamos noivos. Era sempre “amor”. Isso me abala de tal forma que minhas pernas fraquejam e eu cedo. Só que alguém me impede de cair no chão.

— Te peguei.

É a voz de Hayes que ouço antes de apagar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“O desejo é a causa de todos os males.”

**EPICURO**

PERIGOSAS ACHERON



## CAPÍTULO 4

DOM

— Tire as mãos dela — rosno quando vejo Hunter a segurando. Ele foi rápido, não me deu tempo nem de entender o que estava acontecendo. Ele a pegou assim que seus olhos se fecharam e antes que o corpo dela atingisse o chão.

Tudo isso em uma fração de segundos enquanto meus olhos estavam vidrados nos de Faith, capturando todas as emoções que ela tentava esconder. Estava ciente do ódio que sentia, mas sabia que por trás daquilo tudo, ela ainda me amava.

— Não pretendo fazer nada com ela. — Hunter a deita no chão. — Pelo menos não desacordada. — Seu sorriso irônico me deixa lívido.

— Leve-a para a sua nova instalação, Savage — ordena o comandante. Eu a pego nos braços e saio da sala ignorando o olhar de Hunter.

Seu corpo está mais leve por causa da falta de alimentação durante os dias em que esteve presa. Faz parte do treinamento inicial: a fome, a privação de liberdade... os espancamentos. Cada um desses estágios tem um objetivo: trazer o pior dela à tona.

E ainda nem começamos.

SIRIS é uma organização não-governamental que controla terroristas ao redor do mundo. Somos chamados quando nenhuma força do governo consegue resolver o problema, ou quando a ação requer uma eliminação sem deixar rastros.

Pessoas como eu, Hunter e Sayuri são treinadas para não sentir medo, ou fome... Na verdade, somos treinados para não sentir absolutamente nada. Ao longo dos anos, recrutamos pessoas que, assim como nós, foram quebradas de alguma forma no passado.

Nunca entendi porque precisei recrutar Faith, ela não é como nós.

Chego na frente do seu quarto e empurro a porta com o pé. Ela ainda está desacordada, então aproveito desses poucos segundos para admirar seu rosto. Parte de mim quer tirá-la daqui, mas a outra

# PERIGOSAS ACHERON

sabe que não posso. Eu obedeco ordens, e Faith não passa de mais uma missão.

Eu a deito na cama, e assim que seu corpo encosta no colchão, ela acorda.

— Dom? — Sua mão vai para o meu rosto. Merda, ela está confusa. — Eu tive um sonho estranho. — Volta a fechar os olhos, respirando fundo.

— Faith, abra os olhos. — Ela os abre, não sei se porque pedi ou pelo meu tom rude. — Você não está sonhando.

Ela pensa um pouco até que entende, e assim, se afasta o mais rápido que pode, colidindo com a parede ao lado da cama.

Cada um de nós tem um quarto aqui, mesmo passando a maior parte do tempo em missões, temos nosso próprio espaço. Na época em que morei com Faith, mantive meu apartamento – ela nunca soube disso. Hunter é o único que não tem uma casa fora daqui.

A pequena cama range quando ela tenta se encolher mais e mais. Não estamos em um hotel cinco estrelas; as camas são pequenas, e nada confortáveis. Aqui é um lugar criado apenas para

PERIGOSAS ACHERON

servir de base.

— O que foi que você fez, Dom? Por que me trouxe aqui?

— Uma pessoa trará comida pra você em breve. — Não respondo suas perguntas, não tenho autorização para isso.

— O quê? — Ela senta na cama — Comida? Eu quero sair daqui, Dom! Sou algum tipo de prisioneira?

— Recomendo que você coma tudo e descanse. Amanhã começa o seu treinamento. — Fico em pé e ela me olha como se não me reconhecesse. E ela realmente não me conhece.

— Que merda é essa? Quem são vocês? — Ela olha em volta. — Quem é você, Dominic? — Sorrio, finalmente uma pergunta que posso responder.

— Agente Especial Dominic Savage, especialista em armas. Sou o responsável pelo seu treinamento.

— Não me interessa quem você é aqui, *Dominic Savage*. Eu só quero saber o que você fez com a minha vida. — Ela olha para a minha mão, o lugar onde ficava nossa aliança de casamento agora

PERIGOSAS ACHERON

vazio. A dor que vejo em seus olhos reverbera através do meu corpo.

— Acho que, pelo menos, eu deveria estar agradecida por você ter usado o seu nome verdadeiro. — Ri, mas não há humor em seu tom de voz. Ela tira a aliança do dedo e a joga no chão. — Cuidado quando for me ensinar qualquer porcaria que seja, porque será o primeiro em quem irei testar para ver se aprendi corretamente.

— Se eu fosse você, Faith, deixaria esse seu lado sempre à mostra.

— Do que você está falando? — Olho ao redor como se quisesse ter certeza de que estamos sozinhos, um velho hábito. Não deveria me meter, mas sinto que devo isso a ela.

— Não deixe que seu lado fraco se sobressaia, não deixe o medo te guiar. Faith, aqui o medo é usado como arma. Hunter vai te aniquilar se farejar o seu medo, ele ama essas merdas.

— Hunter?

— Agente Hayes, vocês já foram apresentados. — Sento na cama para olhar diretamente em seus olhos. — O chamamos de Hunter, e ele não tem esse apelido à toa. Então, PERIGOSAS ACHERON

Faith, se há algo que eu posso fazer por você aqui, é isso: use sua fúria e não o seu medo.

— Eu odeio você, Dominic — diz rispidamente e uma lágrima rola pelo seu rosto. Por instinto, eu a enxugo com o dedo.

— Eu sei que me odeia, e não pretendo mudar isso.

Levanto e saio do quarto antes que ela possa continuar argumentando. Antes que a dor nos seus olhos me afete mais do que eu gostaria.

— Indo a algum lugar? — Hunter entra na minha frente.

— Escute com bastante atenção o que vou te dizer... — Dou um passo e ficamos cara a cara. — Você é um maldito doente, então não ouse ir além dos limites com ela, entendeu?

— Os anos te deixaram mais corajoso, Savage — desdenha.

— Não me teste, Hunter.

— Você está assim porque a sua mulher é meu novo brinquedo ou porque agora ela sabe que você é o traidor que eu sempre disse que é? — Avanço para cima dele e o imprenso na parede.

— Rapazes — Sayuri nos interrompe. —  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Temos um problema. Já chega com a brincadeira, preciso dos dois.

Ela termina de falar e vira as costas indo embora.

— Você está avisado — advirto Hunter e me afasto.

— Nesse caso, não vai gostar de saber que seu aviso e nada, pra mim, dão no mesmo.

Hunter segue os passos de Sayuri, e pela primeira vez desde que comecei esse trabalho, me arrependo de ter concluído uma missão. Faith não era para estar aqui.

Merda.

## PERIGOSAS ACHERON

“Todo conhecimento exige um conceito, por  
mais imperfeito ou obscuro que ele possa  
ser.”

**IMMANUEL KANT**





## CAPÍTULO 5

HUNTER

Os sons das correntes tilintando me deixa nervoso, não que tenha alguma aqui, mas é isso que escuto quando olho o arquivo na minha mão. Caralho, eu seria capaz de bater com a cabeça na parede agora só para tentar acabar com o barulho dentro dela.

Só que eu sei que isso não funcionará, porque já fiz antes. Os barulhos sempre voltam; mais insistentes, ensurdecadores. Sempre que estou com uma pista nas mãos, qualquer coisa que me leve a um deles, faz as portas do inferno se abrirem dentro de mim.

Excitação, raiva, satisfação pelo que virá pela frente. Adoro o cheiro doce da morte, é a única maneira que tenho para me lembrar de que ainda estou vivo. E é isso que esses papéis em minha mão significam. Morte.

— Quero uma retirada limpa, sem desgastes

desnecessários. — Volto meu foco para as palavras do capitão Bishop, que está nos encarando. Ou melhor, me encarando.

— Esse morre. — Circulo o rosto que identifiquei e jogo a fotografia para frente. Ela desliza na mesa, indo parar direto nas mãos do capitão.

— Como sabe? — questiona. — Não há nada aqui que identifique que seja um deles, Hunter. — Ele entrega a foto para Savage analisar.

Mas eles não enxergam como eu.

— Como sabe que é um Lobo? — Savage pergunta ainda com a fotografia na mão.

— Apenas sei. — Dou de ombros. Ninguém precisa saber que o filho da puta de cabelo grisalho era o homem que me negava comida. Que colocava meu almoço em uma porcaria de tigela no chão, afastada o suficiente para que eu não a alcançasse.

Coço o pescoço involuntariamente. Ele está velho, o tempo não foi bom com ele, mas eu o reconheceria mesmo que seu rosto estivesse desfigurado, pois, a cicatriz que a minha mão está tocando é culpa dele. Se o tempo não foi bom, muito menos serei eu.

Vou fazê-lo sufocar no próprio sangue.

“Os Lobos”, é assim que os chamamos. Homens de merda, porém, dão bastante trabalho ao governo, e na maioria dos casos em que somos chamados, pelo menos um deles está envolvido. Eles se espalharam como uma erva daninha. Uma que faço questão de dizimar. São identificados por uma tatuagem na mão, a face de um lobo. É um desenho único, e todos têm uma. Eu mesmo tenho a minha, e ela foi feita quando eu tinha a merda de sete anos de idade.

— Quero algo de concreto antes de você puxar o gatilho, Hunter. Não estou brincando — avisa o capitão. Tento conter um sorriso irônico, mas é quase impossível.

— Quem disse que pretendo atirar? — Sayuri balança a cabeça. Sei o quanto ela detesta quando ajo dessa forma. Normalmente trabalhamos de forma limpa. Sem bagunça.

*Normalmente...*

— Savage, você está no comando. Sem falhas, sem baixas a não ser que seja necessário.

— Sim, senhor. — Savage levanta e nós o seguimos.

— Hunter — capitão Bishop me chama quando estou quase saindo da sala. — Não quer a foto?

— Não preciso dela. — Toco minha cabeça e ele apenas assente.

Marcho para fora atrás de Savage e Sayuri. Já faz algum tempo que não saímos em uma missão desse tipo, e mesmo que seja só por poucas horas, é impossível conter minha excitação.

— Peguem o que precisarem, nos encontramos no carro — informa Savage sem sequer dar um único olhar em nossa direção.

Preciso reconhecer que o babaca arrogante é bom no que faz, tem a mira perfeita e sangue frio. Ou, assim acreditava, até vê-lo frente a frente com Faith. Ele não é imune a ela, e se eu não me concentrasse, talvez não seria também.



Sayuri está sentada no banco da frente ao lado de Dominic, como sempre com seus fones de ouvido. É assim que ela trabalha. Não faço ideia se escuta alguma coisa, ou se os usa somente como

uma espécie de amuleto bizarro. O fato é que ela só os tira quando terminamos.

Observo a pistola na minha mão antes de destravá-la: é uma Sig Sauer P320. Sayuri e Dominic usam uma Glock, são armas confiáveis. Ainda assim, não gasto munição, quase sempre uso as mãos, ou algo perfurocortante. É uma preferência pessoal, um prazer que sinto ao infligir um ferimento tão profundo quanto possível, ao mesmo tempo em que observo suas vidas miseráveis se esvaindo.

Às vezes acho que minha cabeça é realmente doente, porém, nenhum dos homens que matei merecia algo rápido, ou indolor. Porque é isso que acontece quando uso a pistola. Apenas um tiro na cabeça, morte instantânea sem chance de sobrevivência. É assim que fomos treinados, para fazer o trabalho “limpo”, como gostam de dizer. Para mim é pura besteira, não a verdadeira diversão.

— Tem quatro mulheres lá dentro — Savage interrompe a minha brincadeira com a pistola. — Segundo o relatório, uma delas pode estar ferida.

— Droga. — Sayuri balança a cabeça. —  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Isso dificulta a retirada delas — afirma.

— Se ela não puder nos acompanhar, basta deixá-la — comento.

— Qual é o seu problema, Hunter? — Sayuri tira os fones e vira para olhar para trás. — Vai simplesmente deixá-la pra morrer?

— O que eu não posso fazer é arriscar e acabar perdendo as outras três.

— Você é inacreditável. — Ela vira para frente. Savage não abre a boca, ele sabe que estou certo. Se a mulher estiver sem condições de andar com os próprios pés, ela fica.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

“Pouca sinceridade é uma coisa perigosa, e  
muita sinceridade é absolutamente fatal.”

**OSCAR WILDE**

# PERIGOSAS ACHERON

## CAPÍTULO 6

DOM

A missão era fácil. Entrar, resgatar as mulheres e sair. Havia apenas dez homens no local, e eles não seriam problema para nós três. Já lidamos com muito mais e saímos ilesos. Só que algo me preocupava.

Hunter está agitado, e não gosto disso. A maneira como ele encara a arma, e depois coça o pescoço. Acredito que nem ele percebe que faz esse movimento. Mas eu o tenho observado ao longo dos anos. É como um tique nervoso, e sempre aparece quando tem um Lobo envolvido.

Não conheço o passado dele, as merdas que aconteceram, e isso nunca me interessou. Todos nós temos nossos demônios para enfrentar, e não damos margens às perguntas. Cada um de nós é livre para ir e vir. Hunter é diferente, ele raramente sai da base. Não tem uma vida além daquelas instalações. Pelo menos é o que sabemos.



Quando entrei na SIRIS, ele já fazia parte da corporação; treinamos juntos, trabalhamos em muitas missões lado a lado. Em uma delas, resgatamos Sayuri. Ela era uma escrava sexual em um cassino.

Havia dois Lobos no local nesse dia. Ambos terminaram a noite com as cabeças espetadas no centro da roleta.

Sayuri não foi para casa quando a resgatamos, nunca soube se ela tinha uma, na realidade. Nós a levamos direto para a base, e lá fui responsável pelo seu treinamento.

— São dez homens: quatro no piso inferior, e seis no de cima junto com as garotas — aviso quando recebo as informações através do comunicador na minha orelha direita.

— Nove. O velho é meu — Hunter me corrige.

— Antes que você faça qualquer coisa, quero uma prova de que ele faz parte dos Lobos, Hunter. — Sou enfático.

— Sim, chefe — debocha.

Eu sei que se ele o encontrar primeiro, não se importará com as pessoas que precisamos

# PERIGOSAS ACHERON

resgatar, não se importará se for apenas Sayuri e eu contra um exército. Eu o conheço bem o suficiente para saber que se ele vir o homem que quer pegar, estará pouco se lixando para o restante. Ele vai pegar o que ele quer, sem se preocupar com as consequências.

Estaciono o carro não muito longe. O local fica afastado da cidade, um lugar cercado de árvores. Local perfeito para se esconder. Michigan, com seus penhascos, fábricas e vinícolas, esconde segredos que nem eu suspeitava que existiam nos meus anos de FBI. Não há homens vigiando ao redor, ou o satélite teria detectado. Eles estão todos dentro da casa.

Estuprando as mulheres.

Observo Sayuri colocar os fones e destravar sua arma. Ela usa o uniforme de combate, roupa preta e um colete à prova de balas. O mesmo uniforme que Faith usará. Porra, pensar nela usando esse uniforme faz meu pau pulsar no momento mais inoportuno.

*Foco, Dominic. Foco.*

— Qualquer movimento, atirem — ordeno.

— E quanto à retirada limpa? — questiona

Sayuri.

— Tem homens violentando mulheres no andar superior, vai mesmo apenas dar voz de prisão? — Hunter ironiza. — Hora de brincar, pessoal! Pela primeira vez estou de acordo com Savage.

Trocamos olhares entre nós. Posso seguir as regras, mas tudo pode ser burlado, manipulado. Nossa versão do que acontecer quando abrirmos a porta não será questionada. E usarei isso a nosso favor, porque também estou precisando estourar algumas cabeças hoje.



Nossas armas disparam assim que chutamos a porta aberta. Formávamos um triângulo, cobrindo as costas um do outro. Não nos suportávamos, isso é verdade, só que em um momento como esse éramos uma equipe.

— Hunter! — grita Sayuri quando Hunter se afasta seguindo em direção as escadas. O sensor de calor estava certo, havia quatro homens no piso inferior, e eles morreram sem nem perceber que

estavam sob ataque. Tiro certos, quatro balas entre os olhos. Uma para cada filho da puta.

— Merda! — digo quando o seguimos, não houve barulho de tiros porque usamos silenciadores. E só Deus sabe que tipo de coisas estão fazendo lá em cima já que nenhum apareceu.

— Eu só quero um, não ousem atirar nele ou a minha próxima bala será direcionada pra quem atirou. Estamos entendidos? — ameaça Hunter quando começamos a subir as escadas.

— Cuidado com a mulher — aviso.

— É só ela não se meter na minha frente — diz como se a mulher em questão fosse descartável.

— Porra, Hunter! Nós temos uma missão aqui, não estrague tudo! — Seguro o braço dele e ele encara a minha mão como se estivesse prestes a arrancá-la do meu braço.

— Ela sairá viva — é só isso que ele diz.

— Tem três cômodos — começo a relatar.

— Qual o maior? — ele pergunta. Já estamos no andar superior, e diante de um amplo corredor.

— O último.

— Esse é meu. — Hunter dá um passo, só  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

que dessa vez Sayuri o impede.

— Juntos, Hunter. — Ele assente e começamos a andar.

Cada um parou na frente de sua respectiva porta, e então entendo o porquê de os canalhas não terem descido: música alta está tocando dentro dos quartos. Os filhos da puta não saberão o que os atingiu.

Dou o sinal com a cabeça e nós três entramos nos quartos ao mesmo tempo.

Com armas em punhos, eu disparo dois tiros certos.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Ninguém é derrotado, a menos que comece  
a culpar os outros.”

**JOHN WOODEN**

PERIGOSAS ACHERON

## CAPÍTULO 7

HUNTER

Abro a porta e vejo o filho da puta na cama; ele está nu e tem uma mulher com ele. Olho ao redor e vejo uma caixa de som pequena tocando música clássica que abafa o som da minha entrada. Filho da mãe culto, mas não por muito tempo, porque disparo na caixa e o som finalmente cessa.

— Mas que por... — Ele para de se mover e vira para ver quem atrapalhou sua trepada. Quando ele sai de cima da mulher, tenho vontade de atirar nele com o que vejo.

*Putta que pariu!*

Ela está grávida, nua e amarrada à cama.

— Quem é você e o que está fazendo aqui, porra? — Seu olhar vai para a cômoda ao lado, em busca da arma que tem ali.

— Se você se mover, estouro seus joelhos. — Aponto a arma e ele levanta as mãos. — Desamarre-a.

Ordeno e me aproximo dos dois, ele faz o que eu peço e ela se encolhe tentando se cobrir. Seus olhos estão tomados pelo medo, o rosto está machucado e um olho está roxo.

— Quem é você? — pergunta mais uma vez. Juan nunca foi tão esperto, e mesmo se fosse, seria impossível me reconhecer depois de tantos anos.

— Eu sou o homem que está caçando você há dez anos — declaro e me aproximo. Ele parece bem mais velho do que na fotografia. — Hora de acertarmos nossas contas. — Coloco a arma na sua testa. A mulher choraminga. — Só espero que seu filho não seja dele, porque virá ao mundo órfão.

— Quero que ele vá para o inferno — murmura ela.

— Gostei dela. — Viro para olhar Juan, ele parece apavorado agora. Ah... eu gosto disso, gosto muito disso. Guardo a arma e o babaca pensa que isso é uma oportunidade de me acertar.

Desvio do soco e acerto seu estômago. Ele se contorce, e não vacilo, acerto bem no rosto. E continuo, golpe após golpe, até sentir seu maxilar deslocar.

— Uma coisa que você precisa saber a meu

## PERIGOSAS ACHERON



respeito é que eu adoro usar as mãos — digo e o agarro pelo cabelo. — Desculpe, querida, mas as próximas cenas não são para os seus olhos — aviso a mulher que continua na mesma posição. — Porém acho que vai gostar dos sons, são sempre melhores do que a coisa propriamente dita. — Pisco para ela e arrasto Juan para o banheiro.

— Seu merda! — Cospe, ou melhor tenta, já que seu maxilar está quebrado.

Pego a faca que estava presa na minha bota e os olhos dele se arregalam quando vê a lâmina. Na verdade, não sei se é a lâmina que o apavora ou a tatuagem que ele está vendo na minha mão, porque ele imediatamente olha para a dele.

*É, babaca, agora você sabe quem eu sou.*

— Quem tem medo do lobo mau? — Trago seu rosto bem próximo ao meu. — Eu não tenho.

Coloco a mão direita dele na bancada, está fechada em punho. Puxo o cabelo dele mais forte e o mando abri-la, ele demora mais do que eu gostaria, mas faz o que mando. Em seguida, minha faca está descendo, decepando quatro dedos.

O grito que ele solta chega a doer meus tímpanos. Porra, o cara grita feito uma mulher

PERIGOSAS ACHERON

assustada. Ele cai sentado no chão segurando a mão ensanguentada, pego papel e tampo o ralo da pia antes de abrir a torneira.

— Espero que você saiba nadar. — Eu o levanto do chão e levo a mão ferida sob a torneira. Ele grita mais uma vez e contendo a vontade de quebrar os seus dentes. Merda, eu deveria ter feito isso.

Quando a água está vermelha com o sangue dele, eu faço o que prometi. Enfio sua cabeça na pia e o afogo no próprio sangue. Juan se debate o tempo todo, a água chega a derramar no chão e na minha roupa, mas não me importo. Ele não tem força suficiente para me deter. E quando para de se mexer, sinto uma enorme satisfação, porque ele morreu sabendo quem o matou.

Largo seu corpo no chão do banheiro. E saio do quarto dando de cara com Savage e Sayuri junto com a mulher que agora está com um cobertor cobrindo o corpo. Quando ela me olha, eu vejo gratidão em seus olhos. Ela sabia tanto quanto eu que homens como Juan não merecem ir para a prisão, que a morte é o único meio de acabar com pervertidos como ele.



As mulheres resgatadas foram entregues para outra equipe. Foram levadas para um local seguro, onde seriam remanejadas de volta às suas famílias. E depois de termos feito nossos relatórios, estamos de volta à base. Savage confirmou a tatuagem de lobo na mão de Juan, e não me questionou sobre a forma como o encontrou. Nu, em meio a uma poça de sangue e sem os dedos. Ele deu sorte que não o fiz engolir cada um daqueles dedos imundos, seria algo interessante de se ver.

Quando estamos indo para os nossos quartos, vejo Savage hesitar na porta de Faith. Será que ele vai entrar? Ou melhor, será que ela permitiria? Sacudo a cabeça, não me importa, amanhã tenho planos para ela e começaremos cedo.

“Pros erros há perdão; pros fracassos,  
chance; pros amores impossíveis, tempo.”

**SARAH WESTPHAL**

## CAPÍTULO 8

FAITH

Minha cabeça está latejando, mal consegui pregar os olhos, meu estômago também não está nos seus melhores dias. Depois que Dominic saiu do quarto, outras pessoas vieram; elas me alimentaram, trouxeram roupas e produtos de higiene.

Vomitei na primeira tentativa de ingerir algo sólido, estava sem comer ou beber há dois dias e meu estômago não aceitou muito bem. Na verdade, não aceitou e pronto. Aprendi que precisava ir devagar com a comida.

Agora estou deitada na pequena cama, olhando para o teto e tentando descobrir em qual momento da minha vida entrei em um universo paralelo. Onde meu marido se tornou um desconhecido e fui parar bem no meio do que parece ser um filme de conspirações militares.

— Você tem algum tipo de problema com

horário? — A voz dele me assusta e eu pulo da cama. Ainda estou usando a mesma roupa de ontem, confesso que não tive coragem de entrar no banheiro para tomar banho, ou de usar algo mais confortável para dormir.

— Desculpa, mas não faço ideia do que você está falando. — O homem me olha com curiosidade, e depois aponta para o pequeno despertador que está na cômoda, próxima à cama.

— Você precisa programar essa merda, levantamos às cinco. O treinamento começa às oito, e se quiser começar seu dia sem comer nada, não estou nem aí — avisa Hayes, seu tom é rude e levanto da cama.

— Desde que não faço parte desse circo psicodélico de vocês, não tenho nenhuma noção de como as coisas funcionam por aqui. Precisarei bater continência, também? — zombo, mas ele não ri da minha piada. Pelo contrário, sua mão logo está no meu cabelo e ele me puxa, o nariz dele tocando o meu, e tenho certeza de que se mover os meus lábios, eles tocarão os dele.

— Guarde seu sarcasmo pra você, ele não será útil quando estiver treinando. — Pisco um

PERIGOSAS ACHERON

pouco atordoada. — Agora tome a porra do banho e vá tomar seu café da manhã, porque se tudo ocorrer como eu planejo, será sua única refeição do dia.

Ele solta meu cabelo e subo imediatamente a mão, tocando o couro cabeludo. Minha cabeça dói por causa da força, porém, estou chocada demais com as suas palavras.

— Preciso que você saia — peço.

— Vou esperar aqui. Seja rápida, não tenho tempo para perder com uma mulher que demora uma hora para se arrumar.

— O quê? — Como ele sabe que demoro para me arrumar? O olhar em seu rosto diz tudo que preciso saber sem que ele abra a boca. Dominic. O que mais ele disse sobre mim?

— Seu tempo está passando.

— Gostaria de privacidade.

— Se é vergonha que você tem, precisa superar. Se é medo que eu vá fazer algo, também precisa superar. Agora entra na porcaria do banheiro antes que eu mesmo a leve até lá, e saiba que não farei isso de forma delicada, Faith.

Vou até a cômoda e pego uma das toalhas

## PERIGOSAS ACHERON

que vi guardarem lá, em seguida, vou para o banheiro. Respiro fundo e tento não olhar para Hayes. A porta não tem trava e o espaço é tão pequeno que eu teria que fazer malabarismo para trocar de roupa.

— Idiota! — resmungo quando começo a me despir para entrar no chuveiro.

Fecho os olhos quando a água quente desce pelo meu corpo. Não imaginava estar precisando tanto disso. Coloco as mãos na parede enquanto a água corre pelas minhas costas, relaxando os músculos. Um gemido de satisfação sai dos meus lábios, eu poderia ficar aqui o dia inteiro.

— Porra, você poderia ser mais rápida? Ou juro que ficará sem comida! — grita, a voz dele me tira do meu transe.

Hayes está dentro do banheiro estendendo a toalha para mim. Tento cobrir os seios com as mãos e me atrapalho. Só quando eu pego a toalha que percebo um detalhe. Ele não está olhando para o meu corpo. Hayes mantém os olhos nos meus.

— Saia. — Pego a toalha e me cubro.

— Cinco minutos e você fica sem comida.

Ele sai do banheiro me deixando perplexa.



Eu me seco rapidamente e visto a mesma roupa de antes. Hayes me deu cinco minutos, não tenho tempo para procurar outra. Faço o melhor que posso para secar o cabelo com a toalha e quando saio do banheiro, ele está me esperando sentado na cama. Meu sapato está no chão, ao lado dos pés dele. Não estavam lá quando fui tomar banho, acho que ele os colocou ali para facilitar já que preciso me apressar ou não comerei. Esse cara deve ter sérios problemas com comida.

Saímos juntos do quarto. São seis e meia da manhã, mas as pessoas já estão circulando. Não vi muito ontem, só que olhando atentamente agora vejo que se parece com uma base militar dessas que vemos nos seriados e filmes. Todos andando de uniformes impecáveis. Hayes está usando camiseta preta e jeans, também preto. O nome da SIRIS está bordado em vermelho do lado direito do peito dele.

Assim que chegamos no que deve ser o refeitório, ele abre a porta para eu entrar. Esse gesto me pega de surpresa, eu hesito até que vejo seu olhar impaciente.

Entro e olho ao redor; tem muitas pessoas aqui, sentadas em suas mesas, conversando, e

## PERIGOSAS ACHERON

ninguém parece notar ou se importar conforme eu ando pelo lugar. Até que Hayes toma a frente e vai para a fila onde estão servindo a comida. Todos o olham, mas não por muito tempo, e ele parece alheio a todos à sua volta.

Acelero o passo para ficar ao seu lado, pego uma bandeja e começo a me servir também. Quando terminamos, eu o vejo caminhar até o lado oposto antes de se sentar. No chão. Fico sem saber o que fazer com a bandeja na mão. Observo Hayes começar a tomar seu café da manhã sem a menor cerimônia, sem se importar comigo. É como se eu não existisse.

— Mas que droga — resmungo. Vejo alguns lugares vazios, mas não conheço ninguém aqui, e por mais bizarro que possa parecer, eu me sentiria mais confortável sentando com ele.

Quando começo a andar na sua direção, sou interceptada por um rosto familiar. Sayuri sorri para mim. Eu não retribuo sua simpatia.

— Onde você vai? — pergunta.

— Tomar meu café. — Dou de ombros, ela olha para a direção que eu estava indo e vê Hayes.

— Hunter não gosta de companhia durante

## PERIGOSAS ACHERON

as refeições, pode sentar comigo se quiser.

— Não quero. — Minha resposta é curta e grossa.

— Ouça, Faith, por mais que você não acredite, sou sua amiga. — Sinto vontade de rir.

— Amigas não enganam, não jantam na sua casa e contam histórias de um trabalho que não existe.

— Não é bem assim.

— Sai da minha frente, Sayuri. Você e Dominic são dois grandes mentirosos.

Não espero por sua argumentação, saio e me sento em uma mesa vazia. Tomo meu café enquanto observo ao redor. Dominic não está, o que é um alívio. Não sei se posso lidar com ele agora, então só me concentro em observar Hayes. E, por um momento, eu desejo ter um pouco dessa frieza. A forma com que ele ignora tudo e apenas se concentra na sua comida é invejável.



Hayes veio até a minha mesa assim que terminou de comer. Ele não sentou, ficando de pé

em uma pose impaciente. Comi tudo o mais depressa que pude. E assim que o último pedaço de pão entrou na minha boca, ele disse: “Vamos”.

E eu obedeci. Eu o segui não sabia para onde, mas a inquietação que estava sentindo deveria ser o suficiente para saber que o que quer que fosse, não era bom.

Acompanho seus passos por um longo corredor; é bem iluminado, as paredes são tão brancas que tenho medo de tocá-las. Há muitas portas, todas fechadas. Quando Hayes para na frente de uma, eu quase esbarro nele.

— Você marcou o caminho? — pergunta segurando a maçaneta.

— Acho que sim.

— Essa será a nossa sala. Vou treiná-la aqui todos os dias no mesmo horário. O que aconteceu hoje não se repetirá, não serei sua babá, então é melhor começar a seguir os horários ou não vai gostar do que estará esperando por você quando abrir essa porta. Entendeu?

— Si-sim. — Tento não vacilar, mas é impossível com ele me olhando desse jeito.

Hayes abre a porta e acende a luz. A sala é

## PERIGOSAS ACHERON

iluminada e consigo ter uma boa visão. Bem, não há o que olhar, apenas uma cadeira no meio com uma corda no chão e uma caixa. O resto é um monte de nada.

— O que vamos fazer? — Minha curiosidade ganha do meu bom-senso.

— Você pode sentar na cadeira. — Ele aponta para o móvel de madeira. Caminho até ela e sento; há uma corda embaixo dela e ele a pega.

— Vai me amarrar? — A constatação faz meu coração acelerar.

Ele não responde, só pega a corda e – como imaginei – amarra meus braços para trás da cadeira.

— O que vai fazer?

— Primeira lição. — Ele para na minha frente. Ambas as mãos no encosto da cadeira, e se inclina até nossos olhos ficarem no mesmo nível.

— Você precisa controlar seus medos.

— Do que está falando? — Ele sai da posição intimidadora e vai até a caixa, ele a abre e eu contenho um grito.

— Se você se mexer, aqueles compartimentos se abrirão. Água começará a entrar na sala, suas amigas não terão para onde ir, a não

PERIGOSAS ACHERON

ser...

— A cadeira. — Completo sua frase e ele sorri.

Hayes está com uma cobra em cada mão. Não sou mulher de ter medo de animais, mas se tem algo que sempre tive fobia é de cobra. Não um medo comum. Quando era mais nova, tinha pegado uma estrada por engano e acabei com um pneu furado e com uma cobra rastejando na minha direção. Ela não fez nada, só parou bem na minha frente. Naquele momento eu entrei em pânico; estava perdida no meio do nada e a única coisa que conseguia pensar era que morreria ali e que a cobra ia me devorar.

— Se tentar se soltar, eu libero a água — avisa. — Comporte-se, Faith. E quem sabe no fim do dia, você consiga mais duas amigas. — Ele olha para as cobras.

— Fim do dia? — Meu assombro é evidente.

— Sim, isso se você não surtar antes.

Hayes leva as cobras de volta para a caixa, e eu solto a respiração que estava prendendo. Meu alívio acaba quando ele se aproxima da porta com a caixa na mão. Ele a coloca no chão e deixa a tampa

PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

aberta, antes de sair da sala.

Porcaria. As cobras estão lá dentro; elas não saíram ainda, mas sei que sairão. Só de pensar que logo estarão rastejando pela sala, eu começo a tremer.

# PERIGOSAS ACHERON

“O amor é invisível, entra e sai por onde quer, sem que ninguém o chame para prestar contas de seus atos.”

**MIGUEL DE CERVANTES**





## CAPÍTULO 9

HUNTER

Estou há quase cinco horas olhando para o monitor na sala de vigilância. Contemplar o pânico de Faith Savage tornou-se o meu mais novo passatempo. Ou melhor, Faith Evans, já que acredito que ela não queira ser chamada pelo nome de casada sabendo que seu marido é de mentira.

— Não acredito que você fez isso!— Savage praticamente berra ao meu ouvido quando entra na sala. Eu giro a cadeira para encará-lo.

— Você tem alguma coisa contra meus métodos de trabalho?

— Cobras, Hunter? Pensei que não fosse se rebaixar a tanto. — Levanto da cadeira.

— A forma como trabalho não é problema seu, se eu quiser fazer cair um raio na porra daquela sala, eu farei exatamente isso, e ninguém, nem mesmo você, vai me questionar. Se você tinha algum problema, não devia ter relatado sobre a

fobia dela.

— Merda! — Ele se dá conta do erro que cometeu.

— Não tente me ensinar o meu trabalho, Savage, você não vai gostar quando eu for ensinar o seu.

— Sua arrogância ainda vai devorar você, Hunter — diz rispidamente..

— Até lá, conforme-se em assistir. — Volto para a cadeira e noto as cobras cada vez mais próximas a ela.

Suas pernas estão tremendo visivelmente, o rosto está molhado pelo choro, mas sua expressão é rígida. .

— Ela está em choque — murmura ao se aproximar do monitor. — Porra, Hunter! Acabe logo com isso.

— Faith é mais forte do que você pensa, Savage. E se não for, é minha responsabilidade torná-la. — Não me dou ao trabalho de olhar em sua direção. , A mulher que estou observando tem toda a minha atenção.

— Você é um doente — Savage resmunga e ouço quando ele fecha a porta, com força. Dane-se  
PERIGOSAS ACHERON

ele e suas lições de moral hipócritas. Observo quando uma das cobras se aproxima da cadeira.

— Já era tempo. — Pego minha arma e saio.

Quando chego na sala e entro sem fazer barulho. Como esperado, uma das cobras subiu na cadeira. Bem...É melhor do que imaginei. O réptil está subindo pelo seu corpo, deslizando devagar. Ela está tão tensa e apavorada que não percebeu minha presença. Caminho devagar porque não quero assustar o animal, preciso que a cobra faça o primeiro movimento.

Posiciono a arma e espero. A cobra ergue a cabeça e encara Faith, ela está controlando a respiração e mantendo seu corpo imóvel, e não posso deixar de notar que sua bravura me faz sentir uma pontada de orgulho.

Essa reação dela é boa. E, caralho, é muito excitante também.

Assim que a cobra move a cabeça para a esquerda, eu não penso duas vezes.

Bang.

Pedaços de cobra revestem todo o rosto de Faith, que está me encarando assustada. Vou até a segunda cobra que está no lado oposto da sala e a

PERIGOSAS ACHERON

pego, colocando-a na caixa.

Caminho até Faith e começo a desamarrar suas mãos. Ela ainda não disse nada, mas assim que a solto, seu corpo inclina para o lado e ela começa a vomitar.

— Não pense, nem por um segundo, que vou segurar seu cabelo.

— Eu te odeio — É a primeira coisa que diz e vomita mais um pouco. — Odeio. ODEIO!!!

Faith agarra o cabelo com força e eu a seguro antes que ela caia no próprio vômito. Depois de firmá-la, giro seu corpo para ficarmos frente a frente.

— Me odiar é uma coisa boa, é sinal de que está viva. — Ela pisca algumas vezes. — Tome um banho e depois vá almoçar. Savage vai começar seu treinamento com armas depois.

— Não posso. — Sua voz sai tensa, e ela olha para baixo vendo a bagunça: vômito, a cobra morta. Parece que vai vomitar de novo.

— Domine seu corpo, Faith. Ignore o que está sentindo, e respire. — Ela faz o que mando. — Agora vá pro quarto e troque essas malditas roupas sujas. O almoço está sendo servido.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Faith apenas concorda com a cabeça. Eu a solto devagar e quando percebo que ela consegue ficar em pé por conta própria, me afasto e sigo até a porta para pegar a caixa com a cobra que sobrou. Talvez eu precise dela para outra ocasião... Aquele olhar de puro terror de Faith assim que viu a cobra, fez meu sangue correr tão rápido que eu quero mais.

Mais do medo dela.

Mais do seu ódio.

Mais de qualquer coisa que eu possa conseguir.

## PERIGOSAS ACHERON

“Conhecer não é demonstrar, nem explicar,  
é acender a visão.”

**ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY**



## CAPÍTULO 10

FAITH

Estava com a pele ardendo, não conseguia parar de esfregar meu corpo durante o banho. Ainda sentia aquela cobra deslizando sobre mim. Sentia o cheiro dela, seu sangue no meu rosto. Não faço ideia de como consegui chegar ao quarto, e ninguém se importou de perguntar se eu estava bem quando esbarrei com algumas pessoas durante o percurso. Suja, coberta do sangue da cobra, fedendo a vômito e atônita. Nada disso interferiu na rotina de quem quer que fosse – não é possível que uma cena assim seja comum aqui.

Desligo o chuveiro quando sinto que já estou limpa o suficiente, pego a toalha para me secar e a enrolo no corpo. Quando abro a porta do banheiro, eu me assusto e cubro a boca com a mão, contendo um grito.

— O que você está fazendo aqui? — Hayes está sentado na minha cama, me olhando, e

instintivamente me encolho. Ele franze o cenho para o meu movimento.

— Tendo a certeza de que você vá almoçar.

— Você não precisa se preocupar com isso — retruco e vou até a cômoda pegar uma peça de roupa. — Sua preocupação não faz sentido já que você é o culpado por eu ter vomitado todo o meu café da manhã.

— Quem diz o que faz e não faz sentido aqui sou eu, Faith. Essa é a sua segunda lição.

— Sério? — Cruzo os braços, não sei de onde saiu tanta coragem, mas seu olhar de desdém está me tirando do sério. — Estou ansiosíssima para saber a terceira. — Sou sarcástica.

— Na verdade — ele sai da cama e vem na minha direção. Dou um passo para trás, mas não tenho para onde ir, e acabo esbarrando na cômoda —, sua terceira lição começa agora: tire essa toalha, Faith.

— O QUÊ?! — Hayes ri do meu espanto. — Fica longe de mim, Hayes. — Aperto a toalha com força contra o corpo.

— Você acha que vou te tocar? Tocar de maneira sexual? — Ele começa a rir, e é a primeira  
PERIGOSAS ACHERON



vez que o vejo rir assim. É um tanto quanto perturbador, mas antes que eu possa responder, ele está na minha frente, me encurralando. — Eu gosto das minhas bocetas dispostas, Faith. — Seus olhos vão para o meu colo. — Gosto delas molhadas, para que eu possa deslizar facilmente dentro. — Engulo em seco quando nossos olhares se encontram. — Muito molhadas, para que eu possa sentir o gosto quando minha língua estiver lambendo cada camada. — Minha respiração está pesada; Hayes não está encostando em mim, mas suas palavras arranham minha pele. — Livre-se dessa toalha e troque de roupa, Faith. Vou esperar aqui.

— Não vou trocar de roupa na sua frente — consigo dizer. *Droga, o que está acontecendo comigo?*

— Você conseguiu ficar cinco horas em uma sala; amarrada e com duas cobras. Trocar de roupa na minha frente é a menor das suas preocupações. Perca suas inibições e eu mesmo vou ensiná-la a matar qualquer imbecil que tentar te tocar sem a sua permissão, Faith. E não se esqueça de que a vi nua mais cedo, portanto, pare de drama e coloque a

PERIGOSAS ACHERON

porra da roupa.

Hayes caminha de volta para a cama e sinto a respiração voltar ao normal de novo. Minha cabeça parece que vai entrar em parafuso. Meus pensamentos estão descoordenados. Nunca me senti tão perdida, e ao mesmo tempo, uma estranha sensação de segurança toma conta de mim quando o vejo sentar na cama.

Ele entrou na sala e matou a cobra bem quando eu já estava no meu limite daquela pressão. Não aguentaria nem mais um minuto — isso era certo. Agora ao vê-lo assim, eu me pergunto se ele também sabia disso.

— Posso perguntar algo antes de fazer o que você ordenou?

— Pode.

— Estava me observando naquela sala? Quando estava com a cobra?

— Quem você acha que liberaria a água? — questiona. Balanço a cabeça e começo a trocar de roupa.

Ele não faria aquilo. Não sou capaz de explicar como sei disso, eu simplesmente sei. Hayes soube o momento exato que meu corpo e

PERIGOSAS ACHERON

mente estavam desistindo, e não gosto da maneira que essa constatação me conforta.



O refeitório está cheio, e nós continuamos em silêncio desde que comecei a trocar de roupa. Hayes esperou pacientemente, mas assim que coloquei os sapatos, ele levantou da cama e caminhou para fora sem dizer nada.

Corri para alcançá-lo, e agora que chegamos ao refeitório, sinto o cheiro da comida e percebo que ele tinha razão: preciso comer.

— Onde você... — paro de falar assim que percebo que ele não está mais ao meu lado. Olho em volta e o vejo pegar sua comida e ir direto para o mesmo lugar de antes.

Hayes senta no chão e ignora todos ao redor. Começo a andar para pegar meu almoço quando um leve toque no meu braço me faz estremecer.

— Almoce comigo — pede Dominic, baixo o suficiente para que só eu possa ouvir.

— Não estou interessada. — Olho para sua mão que ainda está me tocando.

— Por favor, Faith... Podemos conversar enquanto comemos.

— Vai me dizer porque estou aqui? — pergunto. — Não, espera, vai me tirar daqui?

— Faith, eu não...

— Então vá se foder, Dominic! E tira a porcaria da sua mão de mim. — Ele recua com as minhas palavras, eu nunca falei dessa forma com ele. Droga, eu nunca falei dessa forma com ninguém.

Eu me afasto dele em passos firmes, e por um instante fico confusa, até que vejo Hayes. Vou na sua direção e me sento ao seu lado.

— Você não acha... — Levanto a mão para que ele se cale. Estou olhando para Dominic que parece surpreso com a minha atitude.

— Não estou com humor para aguentar suas palavras rudes agora. — Fixo o olhar no meu “marido de mentira”. Puta merda, como é possível odiar tanto o homem que até poucos dias atrás era meu mundo?

Afasto o olhar dele quando percebo algo na minha mão. É um prato de comida.

— Só ia dizer que você esqueceu de pegar a

PERIGOSAS ACHERON

comida — diz ao me entregar seus talheres também.

— É sua, pode ficar. — Empurro de volta, mas ele não cede.

— Vou pegar outro maldito prato de comida, apenas fique calada e coma. Também não estou de bom humor.

Hayes levanta e volta para pegar outro prato. Eu observo seus movimentos o tempo inteiro. Ele retorna e vejo que não trouxe apenas um prato, e sim uma bandeja com dois copos e algo que acredito ser a sobremesa.

Ele coloca a bandeja entre nós, e come como se nada disso tivesse acontecido. Engulo em seco tentando conter as lágrimas assim que coloco a primeira colherada na boca. Estou almoçando, sentada no chão, ao lado de um homem que provavelmente vai me matar com seus treinamentos loucos, mas nunca me senti tão confortável.

— O que faço agora? — pergunto a Hayes quando terminamos de comer. — Hayes? — chamo sua atenção.

— Por que você não me chama de Hunter?

— É seu nome? — Fico confusa, Dominic  
PERIGOSAS ACHERON

disse que era apelido.

— Não.

— Prefiro chamar as pessoas pelo nome.

— Não deveria. — Ele começa a andar e eu o sigo.

— Você não respondeu a minha pergunta. — Seguro seu braço e ele me encara furiosamente.

— Vamos esclarecer duas coisas aqui, Faith. — Seu tom de voz é duro e chama atenção de todos. — Eu não te toco sem permissão, e você não me toca sem permissão, consegue entender isso?

— E-eu... — Minha mão ainda está tocando seu braço, e estou congelada no lugar.

— CONSEGUE?! — grita. Ele então pega minha mão e aperta, me arrancando um gemido de dor.

— Eu assumo daqui, Hunter. — Dominic se aproxima, mas não faz o que pensei que faria: ele não interrompe o aperto de Hayes.

— Responde, Faith. — Hayes aperta mais e dessa vez um gemido alto escapa da minha boca.

— Consigo. — A palavra sai tão depressa que não tenho noção se pronunciei corretamente, mas quando sinto minha mão livre, suspiro

PERIGOSAS ACHERON

aliviada.

Hayes sai do refeitório sem dizer mais nada.

— Você está bem? — Dominic pega minha mão e examina.

— Estou — respondo sem tirar os olhos da porta. Sem tirar os olhos da direção que Hayes saiu.

— Jamais toque no Hunter, não sem que ele permita, ou na próxima vez sua mão pode acabar gravemente ferida, Faith — adverte, e eu sinto vontade de chutá-lo.

— Acho que entendi o recado. — Massageio a mão.

— Venha, vamos colocar um pouco de gelo, e então, podemos começar seu treinamento.

Dominic coloca a mão na base da minha coluna e me conduz para fora. Porém mesmo com a familiaridade do seu toque, não consigo parar de pensar na reação de Hayes.

PERIGOSAS NACIONAIS

“Deve-se temer mais o amor de uma mulher,  
do que o ódio de um homem.”

**SÓCRATES**

PERIGOSAS ACHERON





## CAPÍTULO 11

HUNTER

Permaneço andando de um lado ao outro no meu quarto. Porra, estava perdendo a cabeça. Isso não podia acontecer, não agora. Não tão perto.

— Merda! — Esmurro o saco de areia. Além dele, tenho somente uma cômoda para as minhas roupas e um colchonete. Não preciso de cama, não tive uma durante boa parte da minha vida, então ela não faz falta.

Soco.

O barulho que a corrente faz quando o saco balança, atíça minhas memórias como brasas.

— *Seu cão parece faminto. — Um homem que eu nunca tinha visto aqui antes me olha com curiosidade. Ele agacha para que seu olhar fique nivelado com o meu. Minha tigela com o almoço está longe do meu alcance, cortesia de Juan. Olho para o homem, em seguida para a comida, ele percebe meu desespero e sorri. — O que você é*

*capaz de fazer pra pegar aquela tigela, hein, cãozinho? — A mão dele toca meu cabelo longo e pegajoso. Assim como minhas roupas, estou usando trapos de algum dos soldados, tudo largo demais.*

*Não respondo, mas meu olhar deve ter dito o que ele queria saber: eu estava com fome, desesperado. Faria qualquer merda para conseguir um pouco de comida.*

*— Mathias, vou brincar com seu cão! — ele grita para o cara que diz ser meu dono. Eles estão todos sentados à uma mesa redonda, e há muito dinheiro nela. Estão cheirando algo sobre ela.*

*— Faça o que quiser, mas se danificar, vai ter que pagar. — Todos dão risadas eles riem como se fossem lunáticos.*

*Sinto um puxão na corrente; o estranho não me soltou como imaginei que faria, ou me levou para outro lugar. Ele abaixou minhas calças ali mesmo, e brincou com o cão, como eles costumavam me chamar.*

*Meus olhos fecham com força.*

*Eu só conseguia pensar na comida que ia ter depois disso tudo.*

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Hayes? — Ouço uma voz me chamar, mas está longe. Eu estou longe. Então continuo batendo no saco. Uma. Duas. Três vezes. — Hayes? — Mais uma vez a voz insiste, eu bato no saco, mantendo os olhos fechados. Mas quando a voz silencia e sinto um aperto no meu bíceps, giro o corpo de uma vez, e logo estou com a mão na garganta de Faith.

— O que você pensa que está fazendo?! — Seus olhos arregalam e ela leva as duas mãos até a minha, tentando me conter.

— Chamei você, várias vezes — defende-se.

— Acho que está começando a gostar de brincar com a morte, estou certo, Faith?

— Desculpa.

— Você entrou na porra do meu quarto, me tocou, você...

— Já está na hora do jantar, eu só vim te chamar — Faith me interrompe, e eu me surpreendo.

— Você tem uma puta coragem, tenho que reconhecer. — Solto seu pescoço e ela suspira aliviada.

— Suas mãos estão sangrando — observa.

## PERIGOSAS ACHERON

— E daí?

— Deixe-me ver. — Ela se aproxima e eu mostro as mãos. Merda, as juntas estão destruídas. — Por quanto tempo ficou batendo nesse saco?

*Não faço ideia.*

— Vou tomar banho. — Puxo as mãos das suas.

— Tudo bem, espero aqui.

— Savage bateu na sua cabeça por um acaso? — O corpo dela fica tenso com a menção do ex-falso-marido, e isso me deixa feliz.

— Eu... só pensei... que... — Faith começa a gaguejar.

— Que se dane. Fique à vontade, madame. — Aponto para o quarto e fico esperando sua reação, e mais uma vez, ela me surpreende indo até o colchonete para se sentar.

Gemo de frustração e vou para o banheiro. Meu pau ficou mais vivo do que nunca só com a visão do desconforto dela quando mencionei Savage, e quando ligo o chuveiro, não me importo se ela está no quarto, eu me alivio sem pudor.

— Faith? — chamo sua atenção assim que saio do banheiro. Ela parece estar dormindo, com

PERIGOSAS ACHERON

as pernas encolhidas, e os braços ao redor, em seu próprio casulo.

— Desculpe, peguei no sono. — Ela levanta rápido, e surpresa toma conta do seu rosto quando me vê vestido.

— Não sou a porra de um tarado — resmungo e ela dá um sorriso suave. E, puta merda, esse sorriso me faz sentir um frio na barriga. — Vamos.

— Como estão suas mãos? — Ela faz um movimento como se fosse pegá-las, mas recua.

— Inteiras. — Mostro a ela. Eu passei uma pomada e coloquei ataduras.

— Que bom. — Ela olha em volta antes de me olhar de novo. — Queria te pedir desculpas por mais cedo.

— Está se referindo a...?

— Ao refeitório, e agora há pouco. — Ela leva as mãos até o pescoço.

— Está tudo certo. Vem, vamos comer.

Saio do quarto sem esperar que ela diga mais alguma coisa. Estou confuso, irritado e quero matá-la... beijá-la.

Argh...

Nunca ninguém me pediu desculpas sinceras antes. E o que mais me incomoda é a certeza que tenho da sinceridade de Faith.

Agora, ela me acompanhava até o refeitório, sentava ao meu lado, no chão. Estava invadindo a minha privacidade, bagunçando a minha rotina.

E eu não quero impedi-la.

“Nada é tão lamentável e nocivo como  
antecipar desgraças.”

**SÊNECA**



## CAPÍTULO 12

FAITH

Hayes não fala durante o jantar. Ele permanece tão concentrado em sua comida, que é como se não houvesse mais nada à sua volta. Mas sei que está bastante atento, mesmo parecendo que sua cabeça está longe.

Dominic não está no refeitório, o que agradeço internamente. Durante nosso treinamento, ele agiu como se fôssemos dois estranhos ao explicar alguns termos técnicos, aprimorando minha mira. Estava exausta tanto física quanto emocionalmente.

Olho em volta e percebo que, pela primeira vez, não tem quase ninguém no refeitório, o que me deixa curiosa.

— Por que tem pouca gente? — Hayes tira a atenção da comida e olha ao redor.

— Algumas pessoas têm suas casas, famílias. — Dá de ombros. Certo, isso doeu mais



do que esperava.

— Eu também tinha uma casa antes de vocês me trazerem sem a minha permissão.

— Se não me falha a memória, quem te trouxe aqui foi seu marido.

— Você precisa ser sempre assim? — Ele coloca o talher no prato vazio e me encara.

— Assim como? Sincero? As pessoas estão tão acostumadas com mentiras “coloridas” que quando encaram a verdade “nua e crua” tentam achar desculpas, mascarando as coisas de como elas realmente são. Se quer viver no seu mundo colorido, vá em frente.

— O que quer dizer com isso?

— Que não sou o cara que vai te dizer aquilo que você quer ouvir. Eu sou aquele que vai causar dor, Faith. Já deveria saber disso. Se já acabou, faça um favor a si mesma e vá descansar porque amanhã vai doer.

Hayes levanta e fico sem palavras. Não gosto da maneira como se referiu à minha vida, e gosto menos ainda de saber que ele tem razão.

Minha vida era colorida, mas não era real. Meu casamento não era real. Eu me sinto frustrada,  
PERIGOSAS ACHERON

com vontade de gritar, e duvido muito que alguém aqui se importaria se eu fizesse justamente isso.

Faço o que ele pede e, depois de devolver a bandeja, vou para o quarto. Quando abro a porta, e começo a me despir, lembro-me de como Hayes me olhou. Minha pele esquenta com a lembrança do seu olhar. Quando ele entrou no banheiro, foi diferente: estava sério, concentrado, mas quando pediu para eu trocar de roupa na sua frente, havia algo nos seus olhos. Um brilho que não estava ali antes.

E aquilo mexeu comigo, mesmo com meu cérebro gritando para eu correr, fugir daquele lugar, uma pequena parte em mim quis voltar naquele quarto e enchê-lo de perguntas. Quando entrei para chamá-lo, estava bastante visível que sua cabeça estava em outro lugar. Fiquei um bom tempo parada, observando seus movimentos. Havia tanta raiva em cada soco que ele dava... tanto ódio.

Tento não pensar em como aquela visão me afetou, preciso saber como tudo funciona, e o que exatamente eles querem de mim. Desde o dia em que fui apresentada ao comandante, nunca mais o vi, e só sei que ele está aqui neste complexo porque

## PERIGOSAS ACHERON

escuto quando algumas pessoas são chamadas para falar com ele.

Posso não saber muita coisa, mas tenho certeza de que se eu quiser alguma informação, não será de Hayes ou Dominic, já que eles são peões obedientes demais. Preciso alcançar a fonte dos meus problemas e sair o quanto antes daqui.

Tomo um longo banho antes de vestir algo confortável para dormir. Porém quando estou quase pegando no sono, um barulho no corredor chama minha atenção. Um som de algo batendo na parede me faz saltar da cama e ir até a porta. Quando eu a abro, a cena que vejo me surpreende.

Dominic e Hunter estão brigando, e com uma pequena plateia formada por Sayuri e o comandante.

— Tire a mão de mim ou vai ficar sem ela, Hunter — avisa Dominic, ele está imobilizado.

— Ah, gostaria de te ver tentar.

— Vocês estão atrasados. Solte-o, Hunter. — A voz de comando é clara, e Hayes obedece no mesmo instante, mas não sem dar um soco no estômago de Dominic antes.

— Meu Deus! — Cubro a boca, assustada,  
PERIGOSAS ACHERON

minhas palavras chamam atenção e todos me olham.

— Volte para a cama, senhora Savage.

— É Evans. Senhorita Evans — Hayes o corrige. Dominic está curvado, sua expressão é de dor e me seguro para não ir até ele para ver como está. O comandante está olhando para Hayes, e nada feliz por ter sido corrigido.

— Vocês têm trabalho a fazer, os três. — Ele aponta para todos. — Sayuri, essa missão é de sua responsabilidade, controle os dois. — Com essa ordem, ele sai pelo corredor.

— Quando essa merda acabar... Eu vou ter o prazer de acabar com você, Hunter — ameaça Dominic.

— Não faça promessas que não será capaz de cumprir, Savage. Se isso voltar a acontecer, você não estará inteiro quando tudo acabar.

Hayes diz e sai na mesma direção do comandante. Em nenhum momento olhou para mim, diferente de Dominic que agora está me encarando.

— Encontro vocês no carro — informa a Sayuri.

— Dom...

— Isso é uma ordem. Você até pode ser a responsável pela missão, mas sou seu superior. Faça o que eu disse, Sayuri. Faith, você vem comigo.

Dominic segura meu braço e me leva para dentro do quarto. Quando ele tranca a porta, suas palavras me pegam de surpresa.

— Porra, Faith! — murmura, seu olhar vaga pelo meu corpo, um que eu conhecia muito bem. Estou usando apenas uma camisola de algodão, e antes que eu possa dizer algo, sou arrebatada por Dominic, sua boca devorando a minha. — Porra, porra, porra! — ofega entre beijos.

— Dom, pare... por favor. — Começo a empurrá-lo.

— Não diga que não sentiu a minha falta, Faith. — Ele segura meu rosto com as mãos, forçando-me a encontrar seu olhar.

— Sinto falta, muita falta. — Ele respira aliviado. — Mas sinto falta de algo que nunca existiu, Dominic. Falta da nossa casa, da nossa cama. Falta do meu marido. Mas nunca tive um, não é?

Ele dá um passo para trás. Com certeza não esperava por essas palavras. Eu muito menos, porém, dizê-las é libertador.

— O que ele está fazendo com você? — questiona.

— Acho difícil você não saber, já que trabalham juntos no que quer que seja tudo isso.

— Tem muita coisa que você não sabe, Faith.

— Não sei, porque ninguém aqui fala nada. — Eu me afasto e começo a andar em círculos, nervosa. — Fui sequestrada! Vocês me mantêm contra a minha vontade e eu sequer tive uma explicação coerente, apenas informações soltas como num maldito filme de ação.

— Você vai se sair bem, Faith. Todos nós conseguimos, e sairá daqui bem melhor do que entrou, confie em mim.

— Dominic Savage, você é a última pessoa na Terra em quem eu confiaria. É melhor ir embora agora. — Aponto para a porta.

— Não deixe Hunter encher a sua cabeça, Faith.

— Prefiro que ele encha minha cabeça com  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

verdades, do que deixar você me manipular outra vez com suas mentiras, Dominic.

— Você não deveria confiar nele.

— E devo confiar em quem aqui? Em você? Sayuri? Todos vocês são malucos. — Caminho até a porta e a abro.

— Não vai perguntar porque estávamos discutindo?

— Não me interessa.

— Mas deveria, porque era por sua causa, Faith.

Não entendo nada e Dominic sai, deixando para trás suas palavras pairando feito nuvens negras.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Ninguém é derrotado, a menos que comece  
a culpar os outros.”

**JOHN WOODEN**

PERIGOSAS ACHERON





## CAPÍTULO 13

DOM

Quando entro no carro, Hunter e Sayuri estão à minha espera. Ao vê-lo me encarar, sinto vontade de arrancar seu sorriso de escárnio com minhas próprias mãos. Não menti para Faith que o motivo da nossa briga tinha sido ela.

Hunter me pegou em um momento de fraqueza enquanto eu ia até o quarto dela. Estava sentindo sua falta mais do que gostaria de admitir e estou perdendo a cabeça. Toco meus lábios com os dedos e é como se pudesse senti-la. Ninguém se atreve a abrir a boca enquanto estou dirigindo para o nosso destino, mas o clima dentro do carro não poderia estar mais desconfortável.

Uma nova missão, mais longa do que eu gostaria e muito mais arriscada. Nosso alvo está fugindo das autoridades há quinze anos, e estamos no rastro dele há três. Na verdade, Hunter está no encalço dele.

— Quais foram as orientações? — pergunto a Sayuri.

— O homem é praticamente intocável. Há seguranças espalhados por toda a propriedade. Receio que não conseguiremos entrar sem sermos notados.

— Ninguém é intocável — Hunter fala pela primeira vez desde que brigamos.

— O que sabe sobre ele? — questiono. — Você não nos passou muita informação.

— A única coisa que precisam saber é que tem que ficar fora do meu caminho quando encontrarmos aquele filho da puta.

— Quando vai aprender a seguir as regras? — Sayuri vira para olhá-lo.

— Quando cada um deles pagar pelo que fizeram. Até lá, a única regra que pretendo seguir é a de não deixar nenhum lobo vivo — diz sério. Não são apenas palavras jogadas em um momento de raiva.

Hunter tem uma tatuagem nas mãos, igual às que os lobos possuem. Pelo que soube, ele foi resgatado quando a SIRIS fez uma grande operação; vários lobos foram mortos, outros presos,  
PERIGOSAS ACHERON

porém, os “cabeças” ainda estavam soltos.

Não eram mafiosos do tipo que as pessoas estão acostumadas a ver na TV. Os lobos possuem um grande número de admiradores do seu estilo de vida, se é que posso falar dessa forma. Tráfico humano, drogas, armas, não existem limites para o que fazem. Assim como não há limites para Hunter caçá-los.

— Observei todas as fotos e estamos fazendo uma análise minuciosa. Ele não tem a tatuagem, Hunter. O cara não é um deles — informo mesmo sabendo que nada do que eu disser mudará sua cabeça.

Já trabalhamos juntos há bastante tempo e aprendi que ele nunca erra. Mesmo odiando isso, Hunter é o melhor caçador que temos.

— Não se preocupem, vocês poderão conferir qualquer porcaria de marca quando forem juntar os pedaços dele.

— Você é nojento — resmunga Sayuri.

— Tudo bem. Foco, pessoal. Estamos entrando em uma casa que é mais segura que a própria Casa Branca, e estamos por conta própria. — Tento amenizar.

— E quando não estamos? Nós fazemos as merdas que os militares não conseguem, ou não querem. Estamos sozinhos, ou será que são idiotas a ponto de achar o contrário?

— Odeio dizer, mas concordo com ele. — Olho para Sayuri, porém, não abro a boca. Que se foda, eles têm razão.

Viajamos durante toda a noite, o objetivo é chegar ao local assim que o sol estiver nascendo, que é quando a segurança está mais vulnerável. Esse é o melhor momento para conseguirmos entrar sem sermos mortos.

Ainda não consigo acreditar que esse homem esteve tão perto de nós. Praticamente debaixo do nosso nariz, zombando da nossa cara.

— Qual é o plano? — Sayuri pergunta quando começamos a nos aproximar do nosso destino, mas antes que eu possa responder, Hunter se adianta:

— Entramos, matamos e saímos.

— Bem simples, né?! — zombo.

— Quando se tem motivação para fazer o trabalho rápido... Tudo é simples, Savage. — Olho para ele através do espelho retrovisor, Hunter  
PERIGOSAS ACHERON

apenas me encara. Com certeza está esperando que eu fale algo, e sei que isso foi uma indireta sobre Faith, só que não cairei em suas provocações. Não hoje, não dessa forma.

— Recebemos algumas fotos — avisa Sayuri. Diminuo a velocidade e paro no acostamento. A estrada está vazia e ainda está escura. — Com o que estamos lidando aqui? — Seu tom chama a minha atenção e eu pego meu celular.

Cacete. As fotos foram tiradas ontem à noite. A casa estava cheia, tem a foto de um ônibus com várias crianças saindo dele.

— É um leilão — comenta Hunter, ele também está observando as fotos.

— Leilão?

— Sim — confirma, coçando o pescoço.

Olho para as outras fotos, as crianças estão sendo puxadas por uma corrente, presas por coleiras.

Merda. Merda. Merda.

Olho para Sayuri e, ao mesmo tempo, olhamos para Hunter. Seus olhos estão vidrados encarando as fotos.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Hunter? — Tento chamar sua atenção, só que não adianta, ele já não é o mesmo.

— Não deixem nenhum vivo. — Suas palavras me pegam de surpresa e um arrepio gelado serpenteia pelo meu corpo.

— A quem está se referindo?

— Você sabe. — Sayuri olha para mim, e seu olhar é de súplica.

É, nós sabemos a quem ele se referiu. Não são só os lobos que ele quer que matemos... ele quer as crianças mortas, também.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Daria tudo que sei pela metade que  
ignoro.”

**RENÉ DESCARTES**

PERIGOSAS ACHERON

## CAPÍTULO 14

HUNTER

— *Vai doer* — disse um dos homens quando pegou a minha mão e a abriu, estendendo-a em cima da mesa.

— *Ele é forte, não é mesmo?* — Mathias bagunçou meu cabelo, minhas mãos tremiam. — *Não desmaie e vai ganhar comida, combinado?*

*Minhas mãos estavam pele e osso. Fazia dois dias que não comia direito, apenas restos e ossos que jogavam na tigela, portanto, só assenti.*

*Quando o outro homem começou a trabalhar, um grito estrangulado saiu da minha garganta. Mathias riu, mas segurou firme a minha mão. Sentia lágrimas borrarem o rosto, o barulho da máquina penetrou nos meus ouvidos.*

— *Você aguenta* — disse Mathias, e pressionou meu corpo por trás, me imobilizando por completo. — *Merda, essa posição é boa.*

*Foi a vez de o homem sorrir, porém, logo*



*voltou a trabalhar na minha mão. A tatuagem de lobo começando a ganhar forma, as lágrimas caindo sem parar, e Mathias esfregando o pau na minha bunda.*

Olho para as fotos e para minha mão. Sem chance, não deixarei nenhum deles vivo. Ninguém merece viver com aquelas memórias ferrando com a sua cabeça. Mesmo sendo criança, com a vida inteira pela frente, as memórias não desaparecerão. Não desse tipo de coisa: a fome, a dor, os abusos... Droga, minha mão começa a tremer.

Pego um pacote de bala de goma que estava no banco e abro, jogo um punhado na boca. Isso me ajuda a concentrar no que está acontecendo. É quando percebo que Sayuri e Dominic estão discutindo fora do carro.

— Querem? — Saio do carro e ofereço as gomas.

— Gomas de urso? — pergunta Sayuri e eu apenas dou de ombros.

— Eu gosto. — Na verdade, era viciado nessa porcaria. É o único vício que tenho, ou melhor, tinha. Observar Faith tremer de medo pode ser meu novo vício.

— Hunter, sobre as crianças...

— Sem chance — corto seu argumento.

— São apenas crianças, Hunter! Não somos assassinos de crianças — defende Savage.

— Isso é comigo, apenas não se metam.

— Porra, cara! Você está tão fodido assim que quer se vingar nas crianças?

Ah, ele não disse isso. Coloco o saco de gomas na mão de Sayuri e me aproximo de Dominic. Ergo a mão próxima ao rosto dele para que veja a tatuagem.

— Se tiverem essa merda marcada na mão, já deixaram de ser crianças, Savage. Suas mentes já estão destruídas e seus corpos, corrompidos. Só existe dor e ódio. Vou dar um fim nisso.

— Hunter...

— Que se danem as regras ou sua maldita ética e bom-senso. O mundo não precisa de mais homens como eu, acredite em mim.

Eu me afasto e vou até o carro, abro o portamalas e verifico o que temos. Tem armas para um exército aqui, mas somos apenas nós. Três pessoas cheias de merda que estão em uma missão suicida.

— Estou indo atrás de você, Mathias —

murmuro ao olhar a faca Zakharov.

Não demora e Sayuri e Savage aparecem ao meu lado, cada um pegando suas armas. Colocamos os coletes, o nome SIRIS em vermelho em total evidência nos nossos uniformes. Mesmo usando isso há mais tempo do que consigo me lembrar, nunca me senti como um deles, só estou nessa por um motivo. E ele acaba hoje.

— Mantenham seus comunicadores ligados — orienta Savage.

— A casa está calma, não tem nenhum movimento ainda. — Sayuri olha o tablet onde recebemos as informações em tempo real. — Só vejo um segurança andando na área da frente, dá para despistarmos. Tem cachorros também, cinco pelo que pude contar. Esse será nosso maior problema.

— Não será. Trouxe alguns presentinhos para os totós. — Entrego um embrulho para cada.

— Ah, que legal! Matamos cachorros, também — desdenha Sayuri.

— Só fará com que durmam. — Ela não parece acreditar muito. — Bem rápido — acrescento.

— Vai poupar os cachorros, mas não as crianças? — diz perplexa.

— Não venha com esse julgamento barato, Sayuri. Não vai me fazer mudar de pensamento, já tomei a minha decisão.

— Só que eu não, e essa missão está sob minha responsabilidade. — Ela me enfrenta. — Tente alguma merda com aquelas crianças, e eu mesma te mato, Hunter.

— Você tem colhões, *Japinha*. — Olho para ela, de cima a baixo. — Boa sorte em tentar me parar.

Saio de perto dela e Savage balança a cabeça. É claro que ele concorda com ela, e eu sei que tentarão me impedir. Porém eles não viveram o que eu vivi, não fazem ideia de como é.

Entramos na mata que rodeia a mansão. Sayuri nos orienta através do GPS, o único barulho que ouvimos é o de nossas armas sendo engatilhadas. E, conforme caminhamos — provavelmente em direção à morte — meu coração acelera, mas não de nervoso... ele dispara de excitação.

Demorei muito tempo para pegar Mathias, e

## PERIGOSAS ACHERON

agora que eu o tinha ao meu alcance, ele não me escaparia. O governo não ia botar as patas nele, pelo menos não vivo, e muito menos inteiro.

Seu cachorro estava voltando para o dono, só que dessa vez, não seria para brincar.

Quando chegamos próximo ao muro, Sayuri olha em volta; tem uma árvore que podemos usar para nos dar acesso à casa. É, não será uma aterrissagem bonita.

— Esse homem não podia morar em um apartamento, porra?! — resmunga ela.

— Aqui ninguém pode ouvir os gritos. — Savage e Sayuri me encaram, esperando que eu termine meu comentário, só que não há nada mais a dizer. É por isso que ele gosta de locais isolados, ninguém ouve os gritos que estão presos dentro daquela casa.

Claro, não é nem de longe parecido com o buraco que eu ficava quando estava com eles. Parece que Mathias soube conduzir seu negócio muito bem.

Um a um, começamos a subir na árvore. Não temos muita dificuldade, porém, a descida será em queda livre, e esse muro tem, pelo menos, uns

## PERIGOSAS ACHERON

quatro metros. Isso vai doer.

— Tem uma corda na minha mochila, podemos usar para descer — diz ela, e eu sorrio, adoro uma mulher bem preparada.

Pego a corda e amarro em um galho, não é tão grande, mas com certeza não precisaremos correr o risco de quebrar uma perna.

Savage é o primeiro a descer, seguido por Sayuri e eu. A propriedade é grande, o gramado está bem-aparado, e o guarda provavelmente está fazendo ronda na frente da casa que fica do outro lado.

— Desembrulhem os sanduíches. Eles estão vindo.

— Como você sabe? — pergunta Savage.

— Quando se passa boa parte da sua infância como um deles, acabamos aprendendo alguns truques.

Quando termino de falar, a prova de que estou certo aparece. Eles caminham na nossa direção; não latem, foram treinados para não fazerem barulho e atacam silenciosamente. Eu só espero que Mathias continue alimentando seus animais com o descuido de sempre, seria PERIGOSAS ACHERON

desperdício de munição se eles não comerem o que trouxemos.

— Por que não estão latindo? — sussurra Sayuri.

— Porque as melhores mortes são as silenciosas — respondo e jogo dois dos sanduíches.

Os animais param e observam, eu pego o que estava na mão de Sayuri e me abaixo, o cachorro me observa. Deixo a tatuagem da minha mão à mostra, e como previsto, ele se aproxima e abocanha o sanduíche que eu estava segurando. Seus amigos fazem o mesmo com os demais que jogamos.

— Bom garoto — murmuro e observamos eles capotarem no chão, dormindo.

— Que louco — comenta Sayuri, espantada.

— Vamos — Savage aponta para a casa —, não estamos longe, e logo vamos nos deparar com o guarda.

Olho em volta e a propriedade é impressionante, mas tem alguma coisa que não se encaixa com a personalidade de Mathias. E isso me deixa extremamente incomodado.

— É melhor nos separarmos — sugiro.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— É *melhor* não fazer merda, Hunter —  
adverte Sayuri, e ela e Savage saem em direções  
opostas.

Preparo minha arma e desligo o  
comunicador.

Hora de ir à caça.

## PERIGOSAS ACHERON



“Eu não sei o que quero ser, mas sei muito bem o que não quero me tornar.”

**FRIEDRICH NIETZSCHE**



## CAPÍTULO 15

HUNTER

A sensação de incômodo se intensifica à medida que entro na casa, mas não há nenhum movimento aparente. Nenhum barulho, nada.

— Merda! — A cozinha está vazia, verifico o fogão, geladeira. Nada.

Ligo novamente o comunicador, nada disso cheira bem.

— Onde vocês estão? — pergunto.

— Acabamos de entrar, só havia um guarda na frente. O que está acontecendo? — Savage pergunta, o bom de trabalhar com uma equipe bem treinada é que sabemos quando algo não está certo.

Não respondo na hora, e saio da cozinha encontrando os dois na sala. Como imaginei, não há ninguém aqui também.

— Recebemos todas as informações, essa casa estava cheia de pessoas. — Sayuri olha para a escada. — Que porra é essa? — diz ao olhar para

Savage.

— Estou tão perdido quanto vocês — retruca ele desconfiado — Vamos ver o que tem lá em cima.

Subimos juntos, e atentos. Sigo por último, mas nem me dou ao trabalho de sacar a minha arma, eu sei que não há ninguém lá em cima, Mathias não está aqui, e isso me deixa furioso.

Abrimos as portas de cada cômodo, e quando eu abro o terceiro, olho surpreso. Há crianças sentadas no chão. Umas dez, pelo menos. Elas me encaram assustadas assim que entro no quarto.

Olho para seus rostos, sujos, roupas esfarrapadas. Provavelmente foram retiradas das suas famílias há poucos dias, pela forma como se encolhem ao meu ver. Eu conheço essas expressões, eu mesmo já estive assim.

— Meu Deus! — exclama Sayuri ao se posicionar ao meu lado.

— Vamos tirá-los daqui. — Savage entra no quarto e se aproxima das crianças, ele e Sayuri estão conversando com eles.

Mas eu não presto atenção nisso, estou

## PERIGOSAS ACHERON

olhando para o menino sentado no canto, isolado dos demais. Ele também parece estar alheio aos outros, seus olhos escuros estão focados em mim.

— O que está fazendo? — Uma mão se fecha em torno do meu braço, detendo meus passos.

— O que tem que ser feito. — Não olho para Sayuri, mas seu aperto folga, sei que ela entendeu minhas palavras, e ainda está tentando conter o choque.

— Hunter... por favor... — implora, mas estou longe de ouvir qualquer súplica, porque agora consigo ver claramente, a tatuagem de lobo na mão dele. Idêntica à minha.

— Levem os outros.

— Se fizer isso, atiro em você. — Sayuri Saca a arma e aponta para minha cabeça. Cara, agora eu posso até ser um pouco fã dela.

— Se eu fosse você, Savage, mandava sua namoradinha guardar a arma. — Não tiro os olhos dela. Sayuri tem coragem, mas vacila quando menciono a palavra “namorada”. — Sabe contar? — pergunto, ela ainda me encara. — Um — dou um passo à frente —, dois.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me teste Hunter — diz ela.

— Três. — Mais um passo e a arma toca a pele da minha testa. — BUM!

Grito e ela se assusta, com isso eu tenho a chance de desarmá-la e antes que ela perceba o que aconteceu, minha faca está na sua garganta.

— Se você respirar fundo, a faca vai cortar você, não queremos que as crianças vejam você sangrar até a morte, não é mesmo? — Seus olhos estão vidrados, e se isso matasse, eu certamente estaria morto agora.

— Parem com essa besteira! — ordena Savage.

— Estou decepcionado, Sayuri. — Olho para ela, pressiono a faca mais um pouco até que um fio de sangue escorre pela lâmina. — Eu te ensinei a ser mais esperta do que isso. Da próxima vez que puxar uma arma, use-a, pessoas como nós não merecem ameaça, merecemos a ação.

Retiro minha faca e a empurro para longe. Sayuri tropeça em seus pés, levando a mão até a garganta.

— Você é louco, Hunter.

— Isso não é novo, agora parem o drama e  
PERIGOSAS ACHERON

façam o que eu disse.

Ela e Savage trocam olhares derrotados, mas não ousam me questionar, eles já trabalham tempo suficiente comigo para saber que eu não cedo quando tomo uma decisão, e essa foi tomada muito antes de entrarmos aqui.

Ao me aproximar do garoto, estendo a minha mão; ele percebe a tatuagem, e assim como foi treinado, segura minha mão me acompanhando.

— Encontro vocês. — Tiro meu comunicador e jogo para Savage que o pega no ar. Tanto ele como Sayuri me olham com desprezo. Foda-se, não me importo com o que eles pensam, eu só sei que farei com ele o que deveriam ter feito comigo quando me resgataram.

Está na hora de cortar o mal pela raiz.

O garoto não emite um som, ele anda ao meu lado com a cabeça baixa, pronto para receber o que quer que seja. E porra, raiva borbulha em minhas veias, porque eu sei de cada merda que passei, como meu corpo foi condicionado a aceitar.

Assim que nos afastamos para a mata, a luz fica mais fraca, as árvores altas cobrem praticamente todo o céu, impedindo a luz de entrar

## PERIGOSAS ACHERON

totalmente.

— Fique aí. — Eu o posiciono na frente da árvore e agacho para ficarmos com os olhos no mesmo nível. — Eu também ganhei a minha tatuagem quando tinha a sua idade — começo a falar, não preciso de nenhuma informação para ter certeza da idade dele, algo dentro de mim sabe. — Eu sei que não adianta quantas vezes você feche os olhos, os demônios sempre aparecem. — Ele assente. — Sei que não importa quantas vezes reze, ou cante uma música na sua cabeça, você sempre ouve as mesmas vozes. — Lágrimas começam a cair livremente pelo rosto dele. — Não vai passar, a dor, os pesadelos, eles só vão se transformar em algo maior, em raiva, ódio... — Ele deixa escapar um soluço. — Feche os olhos, eu vou fazer parar.

Levanto e olho para baixo, o menino me encara com os olhos cheios de esperança. Nesse momento, dou um passo para trás, vacilando. Ele tem o mesmo olhar da Faith, o olhar que diz que confia em cada palavra que eu disse.

Levo minha mão até a minha arma; meu celular vibra ao mesmo tempo. Somente uma pessoa me envia mensagens, então eu retiro o

## PERIGOSAS ACHERON

aparelho para ver.

Feito.

Uma palavra, sem explicações, sem nada. Respiro fundo e olho novamente para o garoto, que ainda me olha como se eu fosse seu salvador, ainda me olha como Faith. Caralho!

— Você tinha um nome? — Ele pensa um pouco, e quando fala, sua voz é quase inaudível:

— Cole — sussurra.

— Adeus, Cole.

Assim que as palavras saem da minha boca, o barulho do tiro ecoa pela floresta. Em seguida eu pego meu celular novamente e digito um texto.

Tenho mais um trabalho pra você.

Quando aperto em enviar, começo a me afastar para voltar à base.



“A distância faz ao amor aquilo que o vento  
faz ao fogo; apaga o pequeno, inflama o  
grande.”

**ROGER BUSSY-RABUTIN**



## CAPÍTULO 16

DOM

Sayuri geme angustiada assim que ouvimos o tiro. O filho da puta nem sequer usou o silenciador, fazendo questão que ouvíssemos.

— Ele está ficando fora de controle, Dom — diz. As crianças estão sendo colocadas em uma van para que o governo as encaminhe para as suas famílias.

— Eu já sei disso — afirmo.

— Precisamos pará-lo.

— Não antes de recebermos uma ordem, Sayuri.

— Você sabe melhor do que eu que isso não vai acontecer, ele é muito importante para a SIRIS, Dom.

— Vamos ver até quando.

Fecho a porta da van e olho para a mata, vendo Hunter sair dali e caminhar tranquilo, acendendo um cigarro como se nada tivesse

acontecido, como se não tivesse acabado de liquidar a vida de uma criança. Porra, eu me sinto doente. Não o vejo fumar, ou beber, ele não é um homem de vícios, mas sempre que faz algo assim, é porque se sente vitorioso de alguma forma.

— Não pense que isso deixará de ser relatado, Hunter — avisa Sayuri quando vamos para o carro.

— Precisa de um corte maior para entender que não estou nem aí para o que vai relatar?

— Seu... — Sayuri pula em direção a ele e eu a contendo, segurando-a pela cintura. — Me solta, Dom!

— É, *Dom*, solta ela. Nossa menina quer brincar. — Ele joga o cigarro no chão e pisa em cima. — Vem pro papai. — Hunter abre os braços em uma pose arrogante, as mãos abrindo e fechando, chamando-a para ele.

— Vou te matar, seu desgraçado. — Sayuri se debate nos meus braços.

— Já chega — ordeno, ela para de se movimentar. — Vocês dois, parem com essa merda! Não estamos na quinta série, aqui não é o parquinho do recreio.

— Você é tão estraga-prazer. — Hunter levanta as mãos em sinal de rendição e eu solto Sayuri.

— Estou falando sério. Parem com essa merda, ou vou me certificar de que na próxima vez que estiverem próximos, será dividindo um caixão.

Ambos calam a boca, então entro no carro e aguardo. Como esperava, Sayuri entra no banco de trás, e Hunter, no banco do passageiro. Ligo o som e tento me perder na música, querendo esquecer desse dia, ignorar essa missão que não saiu como planejada, e o mais importante, conter a sensação de que tudo não passou de uma armação.

Ao chegarmos na base, Hunter sai do carro sem dizer uma palavra. Chegamos a trocar de lugar durante a viagem e ele dirigiu metade do percurso, Sayuri apenas dormiu, ou fingiu, já que sua irritação podia ser sentida do outro lado do país.

Quando fecho a porta do carro, fico surpreso ao notar Faith na porta da garagem. Não sabia que ela já estava liberada para andar por todo o complexo. Sayuri também se afasta sem falar, restando apenas Faith e eu.

— Como chegou até aqui?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer a verdade?

— Sim.

— Posso ter me perdido — responde simplesmente. Não consigo conter o sorriso, é típico dela. Faith nunca teve um bom-senso de direção.

— Vem, vou levá-la até seu quarto. — Estico o braço para tocá-la, mas ela logo se esquiva. — Você não precisa ter medo de mim, Faith.

— Não tenho medo de você, Dom. Só não quero que me toque.

— Faith... — Droga, não consigo nem ir contra seu argumento.

— Só me mostre o caminho, tá bom?

— Tudo bem.

Aponto para o local de onde ela saiu e andamos juntos, lado a lado, ainda assim, nunca me senti tão distante de alguém como agora. Durante o tempo que ficamos juntos, Faith sempre foi muito sincera em suas palavras, com aqueles olhos expressivos, e prezando pela verdade o tempo todo. Sei que estraguei qualquer futuro que pudéssemos ter quando a trouxe aqui.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

“Sinto-me mal, e ficarei pior, mas vou aprendendo a estar sozinha, e isso já é uma vantagem e um pequeno triunfo.”

**FRIDA KAHLO**

## CAPÍTULO 17

FAITH

Passei o restante da noite acordada desde que os vi saindo. Desde que Dominic entrou no meu quarto e me beijou. Não conseguia parar de pensar nisso, no que senti quando os lábios dele tocaram os meus.

O que antes me deixava com as pernas bambas, apenas me deixou enojada. Era estranho me sentir assim. Eu o amava, não? Ou será que até meu sentimento por ele foi apenas uma criação, uma situação que ele manipulou?

Não o vi, nem Sayuri ou Hayes depois do incidente no corredor. Estou sozinha com pessoas que não tive o mínimo de interação, mas todos parecem estar em seus próprios mundos, me ignorando por completo.

Ninguém me disse o que fazer; é como se eu só estivesse ligada a Hayes e Dominic, e isso é perturbador. Assim que termino meu almoço,



começo a explorar o lugar. Não há muito para ser visto, corredores sem fim, várias portas que acredito serem, em sua maioria, de quartos.

O refeitório, a sala de tiros, e acredito que tem uma área onde se pratica esportes, academia, talvez? Só sei que me sinto dentro de um bunker, desses criados para proteção em caso de explosão nuclear.

Será que é isso que está acontecendo lá fora? Balanço a cabeça. Senhor, eu só posso estar ficando maluca.

E foi com esse pensamento em mente que quase esbarro em Hayes. Ele não pede desculpas quando seu ombro toca o meu, pelo contrário, quando percebe que esbarrou em mim, seu olhar é de fúria. Qualquer pergunta que estava tentada a fazer se esvai só com a intensidade do seu olhar.

Olho para frente e noto que estou em uma garagem, há muitos carros aqui, e Dominic e Sayuri estão saindo de um deles. Assim como Hayes, ela não fala nada ao passar por mim, mas pelo menos, seu olhar não é hostil.

— Como chegou até aqui? — Dominic parece surpreso com a minha presença.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer a verdade?

— Sim.

— Posso ter me perdido — respondo. Sei que ele vai compreender isso melhor do que qualquer um aqui.

— Vem, vou levá-la até seu quarto. — Ele faz um movimento para segurar o meu braço, mas me afasto. — Você não precisa ter medo de mim, Faith. — Sua voz é carregada de dor.

— Não tenho medo de você, Dom. Só não quero que me toque — digo honestamente. Não quero seu toque, na verdade, não desejo nem estar no mesmo lugar que ele.

— Faith... — começa, mas eu o corto.

— Só me mostre o caminho, tá bom?

— Tudo bem.

Dominic aceita e me guia pelo mesmo caminho que Sayuri e Hayes foram. Assim que estamos no corredor que dá acesso ao meu quarto, ele para.

— Tenho uma reunião agora com o comandante, consegue seguir daqui?

— Sim, obrigada.

— Faith, sobre ontem...

## PERIGOSAS ACHERON

— Não aconteceu nada, Dominic. — Não o deixo concluir, sei que ele quer falar do beijo, porém, eu não quero. Não até saber exatamente que tipo de sentimentos me causou.

— Você não pode fugir dessa conversa para sempre.

— Quem disse que não? — Olho em seus olhos, e depois para o corredor. — Até mais, Dominic.

Saio em direção ao meu quarto, o coração batendo descompassadamente. Não arrisco olhar para trás, no entanto, consigo sentir seus olhos em mim, e solto um palavrão baixinho. Entro no quarto e fecho a porta tão rápido que não percebo que tenho companhia, não até ouvir sua voz:

— O que estava fazendo andando por aí? — Seu tom não é rude, apenas curioso. Ele está sentado na minha cama, aguardando uma resposta.

— Por que sempre entra aqui sem ser convidado? — Levo a mão ao peito para amenizar o susto. Droga, nem sei como não gritei, talvez seja meu cérebro acostumado à presença dele fora de hora.

— Só existe um lugar que não entro sem ser

## PERIGOSAS ACHERON

convidado, Faith. — Engulo em seco. Hayes me encara, mas desce o olhar lentamente, e permanece alguns segundos com os olhos fixos abaixo do meu ventre. Sinto a intensidade desse gesto percorrer todo o corpo. — E tenho a sensação de que logo, logo, serei convidado para entrar aqui.

*Babaca!*

— Deve doer, não é?

— O quê?

— Viver com tanta arrogância dentro do corpo.

Hayes me encara por alguns segundos antes de um som completamente novo invadir o quarto. Ele está rindo, não um riso qualquer, uma gargalhada verdadeira e, — meu Deus — o som é lindo, e eu quero ouvir mais vezes.

— Para uma mulher tão pequena, você é bem corajosa.

— Obrigada. — Dou de ombros e sento ao seu lado na cama, ignorando a percepção de que ele ficou tenso com a aproximação. — O que você faz para se distrair nesse lugar?

— Mato pessoas.

Sua resposta me deixa perplexa por dois

# PERIGOSAS ACHERON

motivos. Primeiro: Hayes não sabe se divertir, e segundo; ele realmente falou sério.

— Bom, eu não mato pessoas.

— Ainda.

— Sei. — Coço a orelha. — E enquanto isso não acontece, o que eu faço para me distrair antes que comece a escalar paredes ou atacar os outros soldados pelos corredores?

Ele não parece gostar da brincadeira, sua expressão se fecha quase que instantaneamente. É, ele não sabe mesmo brincar.

— Dominic está em uma reunião, você não deveria estar lá? Não saíram juntos?

— Dá pra calar a boca um pouco? — Suas palavras me pegam desprevenida. Ele foi de oito a oitenta em uma fração de segundos.

— Se está incomodado com a minha voz, agente Hayes, com certeza está no quarto errado. — Levanto da cama e vou até a porta, assim que toco na maçaneta, sua mão cobre a minha.

— O que você quer, realmente? — Pisco atordoada, é certo que ele sabe o que quero.

— Sair daqui. — Como previsto, ele não esboça qualquer reação. Retiro a mão da maçaneta

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

e me afasto dele. — Tenho amigos, emprego, as pessoas devem estar perguntando sobre mim, nunca sumi assim — argumento.

— Você ainda não entendeu. — Hayes balança a cabeça, de um lado ao outro.

Ele parece pensar no que vai dizer a seguir, e quando nossos olhares se encontram, não consigo conter as lágrimas que começam a rolar pelo rosto. É um desmoronamento de emoções, uma a uma, a carga toda vem com uma força descomunal, deixando-me tonta.

Hayes me ampara, levando-me de volta para a cama. Ele não diz nada enquanto choro, mas seus movimentos dizem tudo que preciso saber. Estou no inferno, e sendo protegida pelo próprio demônio.

Não vou sair daqui. Constato isso quando me ajeita no colo dele e permite que eu chore em seu ombro. Meu corpo treme de desespero, fraqueza, e com um desejo súbito de nunca mais sair desses braços.



## PERIGOSAS ACHERON

Acordo sozinha com a cabeça latejando, sentindo-me culpada de ter chorado até adormecer. Respiro fundo para tentar colocar os pensamentos em ordem, é estranho que ainda sinta os braços dele em volta do meu corpo. Hayes, durante a crise, não disse nada. Preciso aceitar a minha nova realidade, porém, isso vai contra tudo que sou.

Saio da cama para tomar banho, já está quase na hora do jantar e preciso falar com Hayes novamente. Eu sei que ele vai me dizer que não posso sair daqui, mas que se dane, ele é a única pessoa nesse lugar que fala a verdade sem medo de me ferir.

Estou terminando o jantar quando um barulho chama minha atenção, bem, a de todos, porque as cabeças viram na direção da porta. O barulho vem de fora. Tanto Hayes, quanto Dominic e Sayuri não apareceram no refeitório, o que é estranho. Hayes não perde as refeições.

— Controle-se, Hunter! — A voz de comando me faz estremecer. Com isso, todos correm para o corredor.

Olho e vejo Hayes; seu rosto é de pura fúria, diferente de mais cedo.

— Ele fugiu, merda! ELE FUGIU! — Hayes grita, parece que está prestes a explodir. Ninguém se atreve a chegar muito perto, apenas Dominic.

— Não temos certeza de que ele estava lá.

— Ele sabia que estávamos indo — diz Hayes e olha em volta. — Se vocês não querem ter os olhos arrancados é melhor darem o fora, porra!

— Saiam — ordena o comandante, e todos se dispersam. Todos, menos eu. Não sei explicar, só não consigo me afastar. Tem algo errado e preciso saber o que é.

Permaneço observando da porta do refeitório.

— Vamos até a minha sala, quero que terminem de relatar tudo o que aconteceu.

— Não aconteceu merda nenhuma. Além de termos perdido ele — declara Hayes bastante transtornado.

— Minha sala, agora.

Sem dizer mais nada, o comandante sai. Ouço quando eles murmuram algo e então o acompanham. É nesse instante que Hayes olha para trás, seu olhar encontrando o meu. Ele permanece me encarando por alguns segundos até que

PERIGOSAS ACHERON



finalmente vira e segue para a sala do comandante.

Fico paralisada, seu olhar foi tão intenso, diferente. Havia muito mais do que raiva ali, havia dor.

Não sei onde estou com a cabeça quando começo a andar, e sem pensar muito, estou ouvindo toda a discussão atrás da porta.

— Aquilo era uma maldita isca, e nós caímos feito patos! — esbraveja Hayes. Ouço passos pesados dentro da sala, acho que ele está andando de um lado para o outro. Dou uma olhada em volta para ter certeza de que estou sozinha.

— Savage e Sayuri disseram que você matou uma criança, Hunter. — Cubro a boca para conter meu grito de espanto.

— Fiz o que tinha de ser feito. — A voz dele soa fria, gélida.

— Você estava em uma missão, Hunter. Seu trabalho era capturar Mathias, e não assassinar crianças inocentes.

— Ninguém que é marcado pelos lobos pode ser chamado de inocente. Somos transformados em animais, porra.

— Savage, amanhã você assume o  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

treinamento da Faith — avisa o comandante, e isso me surpreende.

— Ele não toca nela — responde Hayes.

— Você está fora de controle, Hunter. Eu assumo daqui.

— Toque em um fio de cabelo dela, Savage, e amanhã estarei almoçando seus órgãos — ameaça, e eu me afasto da porta, assustada.

Saio dali praticamente correndo; eu me recuso a ouvir mais. Nada do que escutei fazia sentido, não condiz com o homem que me permitiu chorar em seus braços mais cedo.

*Ele tem torturado você todos esses dias.*

Minha cabeça praticamente grita, porém, eu a ignoro e volto para o refeitório me sentindo mais e mais confusa. Não sei se quero vê-lo ou que ele se afaste de mim.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Só é lutador quem sabe lutar consigo  
mesmo.”

**CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

PERIGOSAS ACHERON

## CAPÍTULO 18

HUNTER

Furioso não chegava, nem de perto, a descrever a forma como estava me sentindo agora. Mas há algo novo que não consigo ignorar. Depois que verifiquei todas as informações que tínhamos da missão, e concluí que Mathias fugiu porque foi avisado da nossa chegada, minha raiva era esperada. Temos um traidor e eu irei pegá-lo. Porém nada se compara com o que senti quando tentaram me afastar de Faith.

Assim que Savage foi designado para seu treinamento, algo em mim estalou. Forte, feito um maldito tiro. E não posso permitir que esse tipo de coisa aconteça. Todos acham que estou descontrolado por causa da missão, mas não é isso, meu descontrole é porque querem tirá-la de mim, e ninguém tira o que é meu.

*Minha.*

Faith é minha, e está na hora de ela saber

disso. Na verdade, está na hora de todos aqui saberem, principalmente, seu ex-marido de mentira.

Olho para o saco de areia, e retiro as luvas. Não parei de socá-lo desde que saí daquele interrogatório infeliz, e para minha surpresa, assim que me viro, eu a vejo, sentada no colchonete, me observando com um prato de comida no colo.

Igual a um fantasma.

Meu fantasma.

— Se eu estivesse com uma arma, você estaria com um belo buraco entre os olhos — comento e ela faz uma cara de nojo.

— Trouxe sua comida. — Levanta e segura o prato na minha direção, eu a olho confuso. — Você não foi comer, então... — Dá de ombros como se essa fosse uma situação corriqueira, como se o fato de ela lembrar que não comi não fosse algo importante, mas é. Para mim, é.

Pego o prato de comida e vou para o colchonete onde estava sentada agora há pouco; meu estômago ronca quando tiro o guardanapo de cima e o cheiro da comida me atinge.

— Não dói dizer “obrigado, Faith” — resmunga ao sentar-se ao meu lado.

Como em silêncio enquanto tento ignorar sua proximidade. Já foi difícil o suficiente me conter quando ela chorou nos meus braços mais cedo. Foi a situação mais estranha pela qual passei.

Carregar um corpo morto não era novidade, confortar uma mulher em uma crise de choro, isso, sim, entraria para a minha lista de primeiras vezes.

— Obrigado, Faith — digo as palavras que ela quer ouvir. Assim que termino a refeição, ela apenas me encara com um leve sorriso nos lábios, porém, não faz nenhum movimento para sair do lugar.

Porra, ela só pode estar me testando hoje. Ou perdeu de vez o juízo por causa dessa prisão.

— Queria perguntar uma coisa — diz ela sem vacilar. Gosto de ver sua coragem aflorando a cada dia.

— Você me trouxe o jantar, pode perguntar qualquer merda.

— Por que matou a criança?

Ah, pequena intrometida. Não passa despercebido a forma como falou. E não perguntou se é verdade, e sim o motivo.

— É feio ouvir atrás das portas.

— Vocês não estavam falando tão baixo assim — defende-se.

— Sim, mas não dá para ouvir a menos que a pessoa esteja muito, muito próxima. — Eu a encaro aguardando sua resposta.

— Vai responder a minha pergunta ou vai me prender por infringir alguma regra?

— *Touché*. — Olho ao redor do quarto antes de responder, não há nada nesse cômodo; apenas um saco de areia, um colchonete fino, uma cômoda para guardar algumas roupas e o banheiro, muito mais do que tive durante metade da minha vida. E, certamente, mais do que Cole também tinha. — Você não vai querer saber dessa história.

— Que tal começar e deixar que decida se eu quero ou não ouvir?

Tenho que reconhecer, ela sabe ser convincente, ou então, eu já sou a porra de um viciado na sua voz, que sou capaz de fazer qualquer coisa para ouvi-la.

— Você precisa parar de fazer perguntas que não vai conseguir digerir as respostas. É melhor dar o fora. — Levanto e ela me acompanha.

— Não precisa ser rude, não foi minha  
PERIGOSAS ACHERON

intenção ser invasiva.

— Mas foi, na verdade, você é invasiva pra caralho. Você, Faith — ando até ela, colocando a mão em seu rosto, apertando seu queixo, forçando-a a me olhar nos olhos —, invadiu minha cabeça desde o dia em que entrei naquela maldita sala, desde quando coloquei os olhos na sua figura assustada e patética. Você... invadiu cada pensamento, bom e ruim.

— Não sei o que dizer. — Seu semblante é de total surpresa.

— Não há nada para ser dito, apenas faça parar. Saia da merda dos meus pensamentos.

Quando penso que ela irá se afastar, o inexplicável acontece. Faith pega minha mão que estava segurando seu queixo e a afasta de seu rosto. Ela a conduz até sua cintura, e aproxima seu corpo, não deixando nenhum espaço entre nós.

— Isso é loucura — murmuro ao perceber suas intenções.

— Com certeza não estamos em circunstâncias normais.

— Você não quer fazer isso. — As palavras que saem da minha boca não condizem com o  
PERIGOSAS ACHERON



movimento do meu corpo.

Minha mão sobe por dentro da sua camisa, sinto a pele quente e contendo um gemido de satisfação. Inferno, mal consigo me lembrar da última vez que estive com uma mulher, que toquei em uma pele tão macia quanto esta.

— Você pode me dar ordens aqui, Hayes, mas não faz ideia do que eu quero.

— Então me diga.

— Quero que me beije.

— Você deve ter batido com a cabeça. — Dou mais uma chance a ela, porém, ela não recua, seus olhos não desviam dos meus.

— Fui boa demais, por tempo demais, estou em meu juízo perfeito — garante, e eu não consigo conter o pequeno sorriso que se forma em meus lábios.

— Não vai parar só no beijo — aviso, e ela me olha curiosa. — Vou te possuir, Faith. E você não será capaz de ir embora.

PERIGOSAS NACIONAIS

“É melhor conquistar a si mesmo do que  
vencer mil batalhas.”

**BUDA**

PERIGOSAS ACHERON

## CAPÍTULO 19

FAITH

Cada célula do meu corpo vibra quando seus lábios tocam os meus. As emoções que estavam adormecidas despertam com o toque quente da sua língua.

Hayes faz exatamente o que disse: ele me toma. Isso não é um simples beijo, eu o sinto em cada parte de mim. Suas mãos tocando meu cabelo enquanto me embebedo com o gosto da sua boca.

Ele tem gosto de suor, de sangue.

— Vire-se — diz ele ao interromper nosso beijo. Estou ofegante, desnorteada. Todos os meus sentidos ficaram em alerta assim que ele disse que não ia apenas me beijar, porque eu sei que cada palavra que sai da sua boca é verdade. E é por isso que cedi, não só ao desejo, mas à vontade de sair desse lugar, que sobrepõe a qualquer coisa.

Hayes não é o mocinho, ele é o homem mau. Aquele que provavelmente pode me matar ao

menor sinal de desconfiança, porém também é a minha única esperança de sair daqui.

Meu corpo é posicionado até que estou encostada na parede, meu rosto colado no concreto frio. A mão dele explora minha pele, enquanto sua boca devora cada centímetro que consegue tocar.

— Faz muito tempo que não tenho uma mulher, Faith. — Oh, Deus, sua voz rouca de excitação envia arrepios pela minha espinha, a revelação me deixa ainda mais excitada.

É doentio desejar o homem que me tortura, que me mantém em um lugar contra minha vontade. Mas, o pior é a maneira como me sinto segura quando ele está por perto. Totalmente contraditório.

Desejo e vontade são algo totalmente diferentes, e agora eu sei disso. Eu o desejo, ao mesmo tempo que tenho vontade de sair daqui.

— Levante os braços — ordena, e faço o que ele diz permitindo que tire minha blusa. Sua mão desliza pelo meu ventre, até o cócs da calça jeans. — Eu vou te foder, Faith, vou comer essa sua boceta até que você esteja gozando em torno do meu pau, e depois, vou lambar cada gota que ainda restar em

PERIGOSAS ACHERON

você. Você quer isso?

— Sim — gemo ao sentir sua língua no meu ombro. Faço um movimento para me virar, para poder ficar frente a frente, mas ele não permite.

— Fique quieta.

— Por favor, eu não quero assim. — Tento me mover, mas ele ainda bloqueia o meu corpo, beijando meu pescoço, apertando a carne do meu quadril. É como se ele não estivesse me ouvindo. — Hayes... — tento chamar sua atenção, e nada. Sinto uma dor aguda quando ele me morde com força, como um animal. — PARE! — grito e o sinto paralisar.

Movo meu corpo para poder olhar seu rosto, toco-o e vejo confusão em seus olhos.

— Não quero assim, quero ver você quando fizermos isso. — Minhas palavras não têm o efeito esperado, é como se ele estivesse em um transe, porque assim que termino de falar, se afasta.

— O que você quer? — Seu tom me surpreende.

— Só quero fazer isso da maneira correta, olhando pra você. O que tem de errado nisso?

— Não existe maneira correta pra foder,  
PERIGOSAS ACHERON

Faith.

Se eu não estivesse encostada na parede, certamente tropeçaria em meus pés com a intensidade das suas palavras.

— O que há de errado, Noah? — Assim que as palavras saem da minha boca eu me arrependo. Ele dá um passo para trás obviamente surpreso por eu usar seu nome, o nome que ele nunca me disse.

— Sua boca grande ainda vai te matar, Faith.

— Desculpe, eu...

— Cale-se! — esbraveja. Ele se aproxima, abaixando-se, pega minha blusa e me entrega de forma rude. — Saia.

— Hayes, por favor, eu...

— Não quero saber como você sabe o meu nome, eu só não quero mais ouvi-lo, entendeu? — Confirmo com a cabeça. — Você queria saber porque matei a criança, e vou te dizer, Faith. — Ele dá mais um passo e fico encurralada. Sua postura ereta é assustadora, e por mais que eu não seja uma mulher baixa, estou me sentindo minúscula diante da sua imponência. — Porque ele tinha essa mesma merda na mão. — Ele ergue a mão bem diante dos meus olhos, quase encostando no meu nariz. — PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Porque essa marca deixa você ferrado, ela te destrói por dentro, te apodrece. O que você achou que ia ver quando estivéssemos transando? Paixão? Amor? Não existe nada aqui, Faith, nada que valha a pena olhar, porque tudo já foi destruído há muito tempo.

— O que fizeram com você? — Não consigo conter a dor na minha voz.

— O que eu deveria fazer com você. Te quebrar até que você seja apenas uma sombra. Sem vida, sem alma, sem sentimentos.

Pisco surpresa.

— Na verdade, eu acho que fiz corpo mole por muito tempo. Venha. — Hayes pega meu braço, e me leva para fora do quarto.

Estamos andando no corredor, eu com a blusa na mão tentando cobrir meu corpo, e ele somente com uma calça de moletom com a qual estava treinando. Estou aturdida com seu comportamento.

Porra, o que deu em mim para vir ao quarto dele em primeiro lugar?

E o que deu em mim para querer transar com ele?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Deus, eu estou ferrada, porque agora ele está furioso, praticamente me arrastando pelo corredor.

Quando chegamos em frente a uma porta, Hayes abre e me empurra para dentro, sem qualquer cerimônia. Tropeço, mas consigo manter o equilíbrio. Ele acende a luz e noto uma caixa no meio da sala. Não é a mesma que vi antes, e isso me assusta.

Uma caixa de madeira de tamanho considerável está na minha frente e eu vacilo, lembrando da cobra.

— O que você quer, Faith? — sua voz é dura.

— Ir embora — digo a verdade, porque sei que é isso que ele quer agora.

— Você ia transar comigo acreditando que teria um passaporte para a saída? — Nada em seu tom de voz ou na sua expressão demonstra surpresa, ou decepção.

— Não — confesso, e ele franze o cenho.

— Mentira.

— Não gosto de mentiras Hayes, e sim, eu quero sair, e acredito que você pode me tirar daqui, mas não estou vendendo meu corpo.

## PERIGOSAS ACHERON



— Você tem uma boceta manipuladora, quase me enganou, Faith.

— Eu não... — Suspiro ao constatar que não adianta, ele não vai mudar de opinião. — O que estamos fazendo aqui?

— Seu novo lar — responde ao abrir os braços girando em um círculo em torno de si mesmo. — Quer ir embora? Olhar para um lugar que não seja essas malditas paredes? Então, querida, bem-vinda ao segundo estágio, um pouco mais cedo do que eu previa, mas você é esperta, vai aguentar.

— Você planeja me deixar com cobras novamente?! — olho para ele e para a caixa. Merda, eu prefiro que ele atire em mim.

— Suas amigas estão com outra pessoa agora, o que é uma pena. Mas... — Ele vai até a caixa e pega um controle remoto que eu não havia notado.

Quando ele aperta um botão, uma parede abre revelando uma TV, levo as mãos até o rosto para conter a surpresa.

Amanda!

A TV mostra minha melhor amiga sentada  
PERIGOSAS ACHERON

na cama, conversando ao telefone.

— O que significa isso?

— Não gosto de pessoas intrometidas, e sua amiga anda fazendo perguntas demais. Acho que Savage não anda calando a boca dela como deveria.

— O que você disse? — questiono incrédula.

— Você apenas está insinuando que Amanda e Dominic dormiram juntos? — Sorrio, ele é louco.

— Vamos ao *take 2* então — diz ele ao apontar para a TV novamente, a imagem muda, e o que parecia ser uma transmissão em tempo real, agora parece uma gravação.

Uma gravação de Dominic e Amanda transando. E reconheço imediatamente a cama, os lençóis. O vídeo é mostrado em vários ângulos e sinto vontade de vomitar.

— Me dê o endereço dela — ordena ao desligar a TV.

— O que você está dizendo? Como assim endereço?

— Savage está cuidando dela do jeito dele, agora eu vou cuidar do meu jeito. Quero o endereço dela, Faith.

— Acho que você deve ter, já que nesse

PERIGOSAS ACHERON

lugar parece que vocês sabem de tudo. — Estou enojada.

— Como você está se sentindo? Depois de ver seu marido de mentira foder sua amiga, que pelo visto, era de mentira também.

— Você me enoja — retruco. — Todos vocês.

— Traição é uma merda, não é? Conheço o sentimento, eu posso ter sua vingança, Faith, basta me dar o endereço.

— Você pode pegar com Dominic, se é isso o que quer.

— Não, se eu pegar com ele, nossa vinda aqui será em vão. Agora, Faith, é sua última chance. Me dê o endereço.

— Você está maluco. Qual o sentido disso?

— O sentido é que se eu pegar o endereço com Savage, vai ser apenas mais uma morte nas costas dele, já com você...

— Eu serei a responsável — concluo.

— O que vai ser? O endereço ou a caixa?

— Você vai me colocar naquela caixa?! — Deus, ele tinha enlouquecido.

— Me dê o que estou pedindo ou entre na  
PERIGOSAS ACHERON

porra da caixa, Faith.

— EU NÃO SOU COMO VOCÊS! — grito histérica. Hayes agarra meus braços, deixo cair minha blusa no chão quando ele praticamente sacode meu corpo.

— Mas você será, assim que terminar com você.

— Eu não vou te dar nada. Não vou carregar essa culpa.

— Vai proteger a piranha que transou com seu marido?

— Ele não é meu marido.

— Sim, mas ela não sabe disso.

Ódio, é isso que estou sentindo. Pelo Hayes, por Dominic, e que Deus me perdoe, por Amanda também. Quantas pessoas me enganaram todos esses anos?

— Ninguém merece morrer por causa de um erro — digo com máximo de segurança que consigo.

— Um erro é você se equivocar com o caminho, você sempre pode voltar. Trair não é erro, Faith, é escolha.

— Não — enfatizo minhas palavras.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Hayes ergue meu corpo do chão, levando-me até a caixa. Estou tremendo com as possibilidades do que tem ali. Mas quando a tampa é retirada, está vazia.

Meu corpo é jogado de maneira desleixada, e machuco a perna no processo. Ele não pede desculpas. Olho para cima e o vejo, me encarando.

— Você deveria ter dado o endereço, Faith, mas vou te dar uma chance, assim que você quiser falar, basta me chamar e você vai sair. Ninguém merece esse tipo de lealdade.

Hayes fecha a tampa lentamente; eu vejo seu rosto até desaparecer e só restar a escuridão. Ouço quando ele aciona a trava. .

Eu agarro meus joelhos. Não consigo nem esticar as pernas aqui. E quando penso que minha tortura é apenas ficar nessa posição, um som alto faz com que eu me sobressalte.

Droga, existe um sistema de som nessa maldita coisa. Excelente. No escuro, apenas com a metade da minha roupa, com um rock tocando absurdamente alto.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Arriscamo-nos a perder quando queremos  
ganhar demais.”

**JEAN DE LA FONTAINE**

PERIGOSAS ACHERON

## CAPÍTULO 20

HUNTER

Observo o monitor atentamente. Desde que Faith não parece nem um pouco perto de ceder, eu também não estava levantando a minha bunda dessa cadeira.

Jogo a terceira lata de energético no lixo, e vejo quando começa a chorar. Não é a primeira vez, mas ela sempre se recupera e mantém-se firme. Ora balançando o corpo, como se isso a acalantasse, ora tão fechada em si mesma que acredito que adormeceu.

A luz infravermelha permite ter uma boa visão da caixa escura. É um método de tortura usado pelos militares para obter informações, e estou surpreso por Faith aguentar tanto.

— Há quantas horas ela está lá? — pergunta Sayuri ao se aproximar. Ela pega uma cadeira e senta ao meu lado. Não a vi nesses últimos dias. Nem ela, nem Savage.



— Setenta. — Minha resposta é precisa.

— Como ela aguenta tanto? Não consegui ficar doze horas dentro daquela coisa.

O tom de admiração na voz dela não me passa despercebido. Ela tem razão, de todas as mulheres que já treinei, até homens, raramente alguém consegue passar mais de quarenta e oito horas.

Além do desconforto com a posição e a impossibilidade de fazer suas necessidades biológicas, há o barulho. Que eu controlo, tanto o volume quanto o conteúdo. Agora, por exemplo, é o choro estridente de um bebê. Esse som está tocando repetidamente por quase cinco horas.

— Por qual motivo que ela ainda não se rendeu? — Sayuri está curiosa.

— Ela não quer me dar o endereço da amiga.

— Amanda? Você tem esses dados, por que perguntou a ela?

— Se ela me disser, vai se sentir culpada pela morte da amiga. Culpa não parece algo com que queira conviver.

— Faith não é como nós, Hunter. Não carregamos culpa de nada do que fazemos.

— Eu sei. — Olho novamente para o monitor; eu sei que ela não é como nós, e ainda preciso saber o porquê de ela estar aqui. — Onde está o Savage? — Volto meu foco para outra coisa que não seja a mulher tremendo no monitor à minha frente.

— Está fora. Estão rastreando Mathias, surgiu algo e ele foi verificar antes de irmos.

— Ótimo.

— Eu sei, por isso vim aqui, queria te dar a notícia, algo me disse que você gostaria de saber disso. — Aceno com a cabeça e ela levanta. — E, por favor, aproveite que recebeu uma boa notícia e tire a Faith dali, ou ela vai entrar em choque, se é que já não entrou.

Sayuri bate no meu ombro e sai da sala, olho novamente para o monitor. Vamos lá, Faith, um sinal e eu te tiro daí.

Uma hora se passa, Faith está parada por um bom tempo na mesma posição. Merda, desligo o sistema de som e saio da sala. Olho para a lixeira e vejo as caixas vazias com comidas, então me recordo que ela está há três dias sem comer.

Maravilha, isso vai ser uma dor de cabeça.

Chego na sala e abro a caixa, e como previ, ela não faz nenhum movimento. Mas seu corpo está gelado, ela está mais magra. Seus olhos permanecem fechados enquanto eu a carrego nos meus braços. O cheiro de urina é forte, mas isso não me surpreende, o que me deixa perplexo é que ela não cedeu.

Quando sente que está sendo carregada, seu corpo começa a tremer em soluços e a única palavra que sai da sua boca me deixa estagnado no meio do corredor.

— Noah! — sussurra entre soluços e lágrimas.

Aperto seu corpo contra o meu, e a levo para o quarto, mas não o dela, eu a levo para o meu.

Com Faith ainda em meus braços, retiro alguns cobertores que ficam guardados. Eu nunca fui fã disso, mas ela está tremendo agora.

Coloco-a com cuidado no colchonete, seus olhos estão fechados, ela não protesta quando retiro sua roupa, cobrindo-a com o cobertor em seguida. Vou ao banheiro e molho algumas toalhas para limpá-la. Faço isso com todo cuidado, seu corpo está mais magro, e há um hematoma na sua perna,

PERIGOSAS ACHERON

provavelmente por causa da forma grosseira com que a joguei na caixa.

Antes que me dê conta, meus lábios tocam o local machucado. Estremeço com a sensação da sua pele na minha boca. Termino de limpá-la e visto-a com uma camisa minha. Ela está nua por baixo, mas parece confortável.

— Estou com frio... — geme agarrando o cobertor. Seus dentes fazendo barulho ao baterem uns nos outros.

Retiro a camisa que estou usando e me deito ao seu lado, trazendo-a para o calor do meu corpo. Faith se agarra a mim com força, eu fico abraçado a ela até que sua respiração se estabiliza e a temperatura do seu corpo começa a aumentar.

Fico abraçado a ela até que o dia amanhece, e a primeira coisa que ouço é sua voz confusa.

— Onde estou? — diz ela ainda agarrada ao meu corpo, sua voz está grogue por causa da fraqueza e do sono.

— Preciso levantar, Faith, e alimentar você.

— NÃO! — tenta gritar, mas sua voz está fraca demais. — Não me deixe sozinha. — Ela não solta seu aperto.

— Você precisa comer — digo a ela.

— Não, eu não quero ficar sozinha de novo no escuro, não me deixe, por favor, não me deixe.

Ah, Faith. Eu finalmente tenho você.

Quebrada. *Minha.*



Ninguém me questionou quando ordenei que o médico viesse vê-la em meu quarto. Faith ainda permanece aqui, mas agora está hidratada e pela forma como encara o prato de comida na minha mão, deve estar pronta para uma comida de verdade.

— Ainda não estou certo se você vai aguentar.

— Estou me sentindo bem — afirma com segurança.

— Você está sendo hidratada há apenas vinte e quatro horas, não está cem por cento.

Faith está sentada no meu colchonete, ela se recusou a sair do quarto, recusou que trouxéssemos uma cama, foi necessário colocar um suporte com soro ao lado do colchonete. O médico não ficou

nada feliz com isso, mas foda-se, ela não quis ir, e a vontade dela agora é lei.

— Quanto tempo eu fiquei lá? — pergunta referindo-se à caixa.

— Tempo suficiente para provar o quanto você é forte.

— A Amanda, você... — Sabia que ia me perguntar sobre a amiga, mais cedo ou mais tarde. Porém, não era esse o nome que ela sussurrou quando delirou com febre na noite passada.

*Noah.* Era esse nome que repetia, o *meu* nome. E a cada vez que ela repetia, minha mente viajava pelas areias do meu passado, areias vermelhas, pintadas com sangue. Meu sangue. Sangue da minha família.

— Ela está segura, graças a você. — Sento ao seu lado. — Agora tente comer.

Entrego a comida, e Faith segura o prato, um pouco trêmula. Imediatamente assumo, e começo a alimentá-la.

Quando está quase terminando, Savage entra no quarto e para ao observar a cena.

— Precisamos conversar — diz ele.

— Estou ocupado. — Faith engole a última  
PERIGOSAS ACHERON

garfada. — Como se sente?

— Bem, obrigada.

— Obrigada? Você agradeceu ao homem que te prendeu dentro de uma caixa e quase deixou você morrer? — argumenta Savage, incrédulo.

— Esse homem não dormiu com a minha melhor amiga — declara Faith, e eu não gosto da mágoa estampada em seu rosto.

— Droga, Faith, não foi bem... — Savage avança, mas eu levanto rápido, o prato cai da minha mão no processo, mas não importa, porque minhas mãos estão onde eu quero.

Em seu pescoço.

— Assassino, frio, me chame da porra do que você quiser, mas nem tente se aproximar dela.

— O que você pensa que está fazendo?

— Deixando bem claro que você perdeu, Savage. Agora saia do meu quarto enquanto ainda consegue andar.

— Vou, mas vou levá-la comigo, para o quarto dela onde poderá se recuperar das merdas que você fez, em uma cama decente, não no chão.

— Ele segura minha mão que ainda está segurando seu pescoço. — Me larga, Hunter.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela só sai daqui se quiser. — Olho para Faith que está sentada apenas observando nossa interação. — Você quer ir com ele?

— Vou ficar — diz e um pequeno sorriso se forma nos meus lábios.

— Você ouviu a dama, ela fica. Você sai. — Libero seu pescoço e volto a sentar ao lado dela.

— Faith, ele quase te matou — argumenta.

Faith levanta devagar, apoiando-se em mim para manter o equilíbrio.

— Ele não pode matar algo que já estava morto, Dominic, e foi você quem fez isso, quando me traiu. Quando me trouxe para esse lugar.

Eles se encaram por um momento até que Savage se afasta, saindo do quarto, batendo a porta atrás de si, furioso.

Faith respira fundo, e antes que seu corpo ceda, eu a seguro.

— Te peguei — digo a ela a mesma coisa que falei quando ela desmaiou na sala do comandante, quando foi apresentada à sua nova vida.

— Acho que está ficando especialista nisso. — Recebo um sorriso fraco.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez, só que dessa vez, não vou te soltar.

Ela apenas concorda com a cabeça e eu a deito novamente, meus braços envolvendo seu corpo, sem deixar espaço entre nós.

— Acho que estou enlouquecendo — sussurra no meu peito.

— Bem-vinda ao clube. — Beijo o topo da sua cabeça e ela adormece.

## PERIGOSAS ACHERON

“Para ganhar aquilo que vale a pena ter,  
pode ser necessário perder tudo mais.”

**BERNADETTE DEVLIN**

## CAPÍTULO 21

FAITH

Acreditei por um longo período da minha vida que meu maior medo era de cobra, isso até Hayes me deixar presa dentro de uma caixa infernal.

Agora eu entrava em pânico quando as luzes se apagavam. E mesmo sabendo que ele é o culpado da minha nova fobia, não consigo deixá-lo. Já faz um mês que me recuperei, fisicamente, e ainda não voltei para o meu quarto.

E isso é algo bem confuso. A mesma mão que me maltrata é a que me conforta. Não houve pedidos de desculpas, nada que chegasse nem perto. Tudo que acontecia aqui dentro era referente ao meu treinamento. Isso ele fez questão de dizer quando me restabeleci.

Ele não me levou mais para a sala, ou me trancou de alguma forma. Agora, ele estava obcecado em me deixar resistente.

— Mais rápido — diz ele aumentando a velocidade da esteira. Controlo a minha respiração, mas está se tornando cada vez mais difícil, meus pulmões ardem com o esforço.

Já estamos na academia há mais de duas horas, fiz musculação e agora corro como uma lunática fugindo do hospício, em uma esteira, enquanto Hayes controla meu tempo.

Conheci essa ala da instalação pouco depois do médico atestar que eu estava bem e já poderia me exercitar, mas não sei se ele concordaria com a velocidade que estou correndo agora, no entanto, tenho certeza que não ousará repreender Hayes.

Também consegui treinar em um lugar aberto. Não fazia ideia de como era esse lugar por fora, mas não sei como, a quantidade de árvores ao redor não me surpreendeu. Por isso, Dominic treinou comigo muitas vezes próximo à floresta.

Eu sabia que ele queria me dar algo, e me levar para fora era sua forma bizarra de pedir perdão. Mas eu não o perdoei, principalmente com Hayes dormindo ao meu lado todas as noites, segurando meu corpo como um escudo protetor.

— Não aguento mais — ofego, meus passos  
PERIGOSAS ACHERON

ficando cada vez mais pesados.

— Você consegue, precisa de mais cinco minutos.

Isso me irrita. Minhas pernas estão dormentes, e eu sei meus limites, mas parece que Hayes não sabe o significado dessa palavra.

— Já chega. — Paro a esteira e me inclino, apoiando as mãos nos joelhos, mas logo meu corpo é erguido, antes mesmo que possa tomar fôlego.

— Vai acabar quando eu disser.

— É meu corpo, você não pode simplesmente mandar eu fazer algo quando sei que não consigo — rebato.

— Consegue sim, só é covarde demais pra tentar.

— Você está me treinando para alguma maratona por acaso? — Cruzo os braços.

— Não, mas você vai precisar correr quando a porra da sua vida estiver em risco e eu disser corra.

— Por que está dizendo isso? — Baixo minha guarda e espero sua resposta.

— Vai precisar fazer isso, e em breve.

— Do que você está falando? — Toco em  
PERIGOSAS ACHERON

seu braço, e ele não se retrai com esse movimento, pois já se acostumou com meu toque. Desde que dividimos o mesmo espaço dormindo juntos, Hayes permite que eu o toque sem hesitar.

— Vamos para o quarto — diz simplesmente.

— Tudo bem.

Pego minhas coisas, e ele, as dele, e voltamos em silêncio para o quarto. Hayes esteve fora durante alguns dias, mas nunca passava mais de dois dias ausente. Tive dificuldade para dormir cada noite que ele não estava ao meu lado. E sempre que voltava, eu o abraçava como se fosse a última vez.

Nenhum beijo foi trocado entre nós desde o nosso primeiro. Ele não me tocava de maneira sexual enquanto dormíamos, mas eu sabia o que fazia sempre que se demorava no banheiro. Droga, eu fazia o mesmo. Mas havia um clima tenso entre nós, algo que não tinha certeza do que era, e talvez por isso, ele não me tocou mais. Até agora.

Assim que coloco a bolsa da academia no chão, Hayes vem por trás me envolvendo em seus braços.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Fale meu nome, Faith — sussurra ao meu ouvido.

— Hayes.

— Não. O meu primeiro nome, quero ouvir você dizer. — Giro meu corpo para encará-lo e ele permite.

— Você não gosta, por que isso agora?

— Descobri que gosto quando você diz, e você faz isso muitas vezes.

— Faço?

— Sim, quando dorme. Agora quero ouvir você dizer meu nome acordada, enquanto eu te fodo. — Ele segura meu rosto gentilmente — E quando mergulhar em você, quero ouvir a sua voz, e a única coisa que você está autorizada a dizer é o meu nome, porque sou viciado nisso, obcecado pelo som que você faz ao pronunciar meu nome. Porra, Faith, eu quero te machucar apenas para ouvir você gritar meu nome.

Suas palavras me excitam além da compreensão. Inspiro, expiro, ele espera paciente, até que meus lábios se separam, e ele grunhe ao ouvir o som.

— Beije-me, Noah.

## PERIGOSAS ACHERON

Como um animal descontrolado, ele devora minha boca. Meus braços envolvem o pescoço dele, e logo me ergue do chão, segurando minha bunda, enquanto entrelaço as pernas na sua cintura.

— Isso não é um erro, Faith — diz entre beijos. — É um caminho sem volta. Esperei tempo demais, e agora vou marcar você de uma maneira que vai ser incapaz de esquecer.

Noah senta no chão comigo ainda em seu colo. Ele tira meu top expondo meus seios, e noto sua boca encher de água, faminto. Seguro meu seio com uma das mãos e ofereço a ele.

Deus, o gemido que ele dá ao capturar meu mamilo com a boca me faz ver estrelas. Quando se dá por satisfeito, me coloca em pé e tira minha calça, e a calcinha no processo. Noah me encara maravilhado, passando a língua entre os lábios, levantando em seguida, se livrando das suas roupas também.

Ele está nu, em pé, na minha frente. Ambos estamos. Há um frio no meu estômago, de excitação. Olho para o corpo dele, há algumas marcas, cicatrizes profundas. Ele deixa eu ter meu tempo. Levo minha mão até seu peito. Hayes pega

PERIGOSAS ACHERON



minha mão e segura firme, fechando em um punho, junto à dele.

— Sem volta — afirma.

— Sem volta — concordo.

— Então você precisa saber de uma coisa. — Aceno com a cabeça. — Eu nunca tive uma mulher da forma como vou ter você, olhos nos olhos, frente a frente. Pele com pele. — Engulo em seco tentando compreender o que ele está dizendo. — Meu corpo foi maltratado pelas mesmas pessoas que marcaram minha pele. — Ele olha para a mão em punho que cobre a minha, a tatuagem de lobo em evidência. — Nunca de bom grado, mas muitas vezes por vontade própria.

— Não...

— Eu cedi à fome, à vontade de viver. Apenas cedi.

— Noah... — Suas palavras me machucam.

— Então eu vou ter você, Faith, mas você também vai me ter. E quando isso acontecer, eu vou mover o céu para baixo se isso significar ter que manter você comigo.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— Você não entende, não é? — Ele leva  
PERIGOSAS ACHERON

minha mão até sua boca e dá uma leve mordida. — Sair nunca foi uma opção pra você, desde o momento em que eu decidi que te queria. E o que você não sabe, é que te quis, desde muito antes de você saber que eu existia.

Meu coração troveja com a força das suas palavras, só que tudo perde o sentido quando ele me envolve em seus braços novamente, me beijando como se fosse seu último suspiro.

Noah me posiciona deitada, seu corpo pairando acima do meu, seu pau roçando a pele da minha barriga. Ele está me torturando com suas carícias, e merda, não existe ninguém melhor em torturar pessoas do que ele.

— Ninguém vai encostar mais as mãos em você.

— Sim — ofego quando ele enfia um dedo na minha boceta.

— Eu vou matar qualquer um que chegue perto de você, Faith, você entende isso?

— Sim. — É a única palavra que sai da minha boca, porque ele começa a fazer movimentos lentos com o polegar no meu clitóris.

— Abra bem as pernas. — Eu faço, e tenho PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

uma ampla visão de Noah levando o dedo que estava dentro de mim até a boca. — Grite meu nome, Faith, grite tão alto que toda essa ala vai saber o que estamos fazendo, e amanhã, ninguém vai ter coragem suficiente de se aproximar de você.

— Você ficou louco. — Sorrio.

— Eu sempre fui, só que agora eu encontrei alguém compatível.

Ele sorri, e enfia seu pau lentamente dentro de mim, me preenchendo, suprimindo um vazio que eu não sabia que estava lá. Ele tem razão: somos compatíveis, porque nenhuma mulher em sã consciência diz sim para um homem como Noah Hayes.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Acredite na justiça, mas não a que emana  
dos demais e sim na tua própria.”

**CÓDIGO SAMURAI**

PERIGOSAS ACHERON



## CAPÍTULO 22

HUNTER

Faith está dormindo em cima de mim, meu corpo é sua cama. E porra, eu não ia lutar contra isso. Minha mão toca em seu cabelo, agora um pouco maior do que estava quando ela chegou e o cortaram. Suas estão curvas mais torneadas por causa dos treinos. E em breve, elas mudariam.

Eu não exagerei quando disse que ela era minha agora, e que mataria qualquer um que se aproximasse. Algo em mim sabia que no momento em que estivesse dentro dela eu estaria perdido, mas foi um pouco diferente. Dentro dela eu me encontrei. Faith era minha casa, minha droga, minha alma. E logo, se meus cálculos estiverem corretos, ela será meu mundo.

Há duas semanas tive mais uma pista sobre Mathias. Ele estava de volta ao buraco que nunca deveria ter saído, e eu sorri com essa informação. Seria uma morte poética.

Mas não foi somente isso que descobri. Sou um caçador, é esse o meu trabalho, e não só mato os lobos, estou aqui para acabar com todo maldito esquema. Começando pela raiz dele, que por ironia do destino, é o pai da mulher que está dormindo em cima de mim.

O quão irônico é isso? Dois coelhos entregues de bandeja. Acho que Faith não vai se importar quando ficar sem pai, pelo menos, seus pais de mentira deram a ela uma infância boa. Ela não precisava saber de que tipo de pessoa foi gerada.

Diferente de mim, que tive a minha infância arrancada enquanto assistia tudo escondido dentro de um maldito forno. Vi o exato momento que o corpo da minha mãe caiu, em frente ao fogão. Consegui ver quando seus olhos se fecharam, e por isso, me mexi, e o barulho foi ouvido.

Mas foi só quando recebi as fotos que consegui ligar os pontos. Minha captura pelos lobos, meu resgate pela SIRIS, meu treinamento.

Não estávamos sendo treinados para fazer justiça. Estamos fazendo uma queima de arquivo sem levantar suspeitas e isso irritou o demônio

PERIGOSAS ACHERON

dentro de mim.

Estava devendo um enorme favor a Echo, e o desgraçado ia cobrar, eu sei que iria. Porque ele foi forjado exatamente como eu fui: com sangue. É a única pessoa em quem confio, porque ele quer a mesma coisa que eu: a morte de todos eles.

Savage e Sayuri são confiáveis em missões, mas apenas isso. Os dois são peões nesse esquema e não têm ideia no que estão metidos.

Faith me abraça um pouco mais forte, e eu olho para o teto, amanhã vamos atrás de Mathias, e acabar com toda essa farsa. Amanhã, ela terá a sua liberdade, eu a fiz forte, sei que vai conseguir sobreviver, essa é a única esperança que me permito ter. Nenhum outro cenário cabe nesse contexto.

Acompanhei seus treinos com Savage, eles mal se falam quando se esbarram pelos corredores, ele também não fala comigo a não ser que o motivo seja trabalho. Mas é um fodido perito em armas de fogo, e a treinou tão bem quanto podia.

Forte. Inteligente. Armada. Carregando uma parte minha com ela. É assim que Faith atravessará aquela porta amanhã, enquanto eu subo o inferno

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para a terra.

PERIGOSAS ACHERON



“O ser refutável não é o menor dos encantos  
de uma teoria.”

**FRIEDRICH NIETZSCHE**



## CAPÍTULO 23

DOM

Estamos todos concentrados enquanto o comandante nos repassa as orientações. Na mesa, eu, Sayuri, Hunter e Faith estudamos as informações. É a primeira vez que Faith nos acompanha em uma missão, e eu não gosto disso.

Ela está vestida como uma de nós, porém seu uniforme é vermelho, semelhante ao de Sayuri. Seu cabelo está preso em um pequeno rabo de cavalo, e observo quando seus lábios se movem ao ler os documentos. Um hábito que ela tem. Contenho o sorriso de satisfação, será que Hunter faz ideia dos gostos dela?

— Você deveria manter seus olhos nos papéis, Savage — adverte Hunter.

— Tanto quanto você — retruco e Faith olha na minha direção.

Ela não fala, mas olha também para Hunter, e a troca de olhares entre os dois me assusta. Foi

burrice tê-la trazido para cá, e foi ingenuidade minha acreditar que depois de tudo que fiz conseguiria o seu perdão. Hunter usou todas as armas para afastá-la.

Não entra na minha cabeça como uma mulher se sente atraída por homens como ele, mas, ao mesmo tempo, percebo que não sou muito diferente. Hunter só faz isso de forma mais explícita.

— Ainda não consigo concordar com a Faith indo nessa missão — digo ao mesmo tempo em que recebo a atenção de todos.

— Não poderíamos discordar mais — diz Hunter e isso me surpreende.

— Pensei que a segurança dela fosse sua prioridade agora, Hunter.

— Ela é, por isso Faith estará mais segura ao meu lado.

— Você deveria ser mais racional, Hunter, essas pessoas não brincam.

— Nós também não, Savage, e você sabe disso.

— Vocês poderiam ao menos fingir que a minha opinião importa? — Faith levanta e quase

PERIGOSAS ACHERON

derruba a cadeira; Ela olha para cada um de nós na sala e puxa a arma que estava na sua cintura colocando-a sob a mesa. — Vocês me sequestraram, torturaram, tiraram a minha vida. — Ela para um pouco para respirar. — Perdi até as minhas roupas. — Aponta para si mesma — Não posso voltar para minha casa, meus amigos. — Faith olha na minha direção e a dor que vejo em seus olhos aumenta meu arrependimento. — Fiz tudo, exatamente como vocês ordenaram, mesmo não fazendo ideia do motivo, agora não vão tirar mais nada de mim, principalmente as minhas escolhas. — Ela olha para Hunter que permanece impassível. — Então, se eu for para essa tal missão e morrer, que assim seja, mas ir é uma opção minha, não de vocês.

Faith termina de falar e Hunter levanta, parecendo furioso. Instintivamente também me levanto e ele ergue a mão.

— Nem tente, Savage — alerta, mas sem tirar o olhar de Faith. — O que você precisa entender antes de sair por aquela porta, Faith, é que a morte pra você não é uma opção. Nem hoje, nem amanhã. Não até que eu diga que pode.

— Você tem uma maneira horrível de demonstrar seus sentimentos, Hunter — Sayuri ironiza, e logo se levanta. Ela engatilha sua arma e isso chama nossa atenção. — Garotos, e garota — ela olha para Faith e sorri —, hora de estourar algumas cabeças.

Ela coloca o fone de ouvido e sai da sala de reunião, deixando-nos sem palavras.

— Vocês ouviram, vão — ordena o comandante.

Faith pega sua arma e guarda novamente, ela sai da sala seguida de perto por Hunter, eu observo a forma como interagem, como ele parece obcecado por ela. Ao mesmo tempo, se tem algo que sou bom além de atirar, é observar. A postura dele em relação a ela não é ameaçadora, e sim protetora. E eu odeio saber que ele é capaz de morrer por ela.

Sayuri já está nos esperando no carro, com seus fones de ouvido, brincando com a arma nas mãos. Ela é sempre perfeita em todas as missões, mas pelo que vi do treinamento de Faith, Sayuri ganhou uma companheira de equipe à altura.

Entro no carro, no lugar no motorista e

## PERIGOSAS ACHERON

aperto o cinto de segurança, e quando viro, deparo com Hunter na janela.

— Inferno, Hunter. Por que você não entra na droga do carro?

— Vão, encontro vocês depois — diz ele.

— Como assim? — Faith se aproxima, ela está sentada no banco de trás. — Por que você não vem conosco? — A preocupação na voz dela me mata por dentro. Filhos da puta como Hunter não merecem a preocupação de ninguém, muito menos a dela. *Inclusive a dela.*

— Esse é o endereço onde Mathias está. — Hunter me entrega um papel e olho confuso.

— Não foi isso que nos passaram. — Passo o papel para Sayuri confirmar.

— De jeito nenhum, onde conseguiu isso? — questiona.

— Não importa, a informação que recebemos é falsa, o desgraçado está nesse endereço.

— Por que passaram um endereço falso? — dessa vez, é Faith quem questiona. Ela inclina o corpo para frente e pega o papel que estava na mão da Sayuri. — Esse lugar não é longe, fica a menos

PERIGOSAS ACHERON

de uma hora daqui — conclui e me devolve a anotação.

— Qual a razão desse lugar? — pergunto para Hunter. É um local degradante, onde traficantes circulam livremente pelas ruas vendendo suas drogas, e prostitutas oferecem sexo a qualquer transeunte. Não condiz em nada com o endereço luxuoso em que estivemos antes, e nem com o que foi fornecido mais cedo.

— É lá que ele vive. O filho da puta nunca deixou aquela casa, de verdade.

— A casa de onde te resgataram — afirmo. Hunter não precisa me dizer mais nada, ligo o carro e Sayuri aperta o cinto. — Se demorar, começamos a diversão sem você.

— Demorar seria tentador, Savage, mas — ele olha para Faith —, não vou deixar minha mulher sozinha muito tempo com você.

Hunter enfia o braço para dentro do carro e arranca o espelho retrovisor, jogando-o na grama. Merda, seja lá o que ele vai fazer, deve ser sério, porque ele acabou de tirar o rastreador que usamos para localizar nossa frota.

O desgraçado pisca e bate no teto do veículo.  
PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

Não demora para estarmos na estrada, indo em direção ao endereço que ele nos deu.

# PERIGOSAS ACHERON



“Choramos ao nascer porque chegamos a  
este imenso cenário de dementes.”

**WILLIAM SHAKESPEARE**

## CAPÍTULO 24

HUNTER

Observo o carro se afastar até que não posso mais vê-lo. Não quero arriscar que eles retornem quando estiver fazendo o que tenho em mente. Verifico minha pistola e olho para o prédio que por muito tempo foi a minha casa.

Casa? Esse pensamento me faz rir. Eu não faço ideia do que é ter uma casa ou sequer tenho lembranças de como me sentia em um lar de verdade porque quando eu penso sobre isso, a única memória que meu cérebro evoca é um borrão vermelho.

Entro no complexo e vou direto para a cozinha, não tem ninguém aqui, todos já tomaram seu café da manhã e estão em treinamento. Vou até onde fica o alarme de incêndio e ativo. O barulho é alto, e imediatamente ouço passos apressados.

Saio pelo corredor e desvio das pessoas correndo. Muitos aqui são novatos, e parecem

perdidos, mas sei que vão se sair bem, muito bem, assim que colocarem seus pés para fora dessa ratoeira.

É engraçado como as pessoas agem num momento de desespero. Ninguém parou para verificar se há fogo real, apenas ouviram o alarme e saíram correndo. Covardes mal treinados.

Mas eu sei que há alguém que não vai querer sair daqui antes de passar na sua sala, que é a mesma onde estou entrando agora.

Chego até a mesa e verifico as gavetas. E é claro, está trancada. Com a minha arma atiro na fechadura, pois não vai ser a porra de uma tranca que vai me impedir de pegar o que quero. E o que quero está em um enorme papel pardo bem na minha frente.

Pego o envelope e sento na poltrona acolchoada, esperando minha presa.

— O que faz aqui? — diz ele ao me ver sentado na sua poltrona, que nesse caso, se assemelha a um trono.

— Esqueci de uma coisa.

— Você acionou o alarme? — pergunta, mas ele sabe que é uma pergunta retórica, o desgraçado  
PERIGOSAS ACHERON

está olhando para o envelope em cima da mesa.

Sorrio quando ele faz um movimento para pegar sua arma. Ele é bem treinado, mas está velho demais. Nosso comandante já não tem os mesmos reflexos, e é por isso que agora ele tem a minha arma apontada na direção da sua cabeça.

— Você sabe que se respirar mais forte, eu vou te matar.

— Isso é burrice, Hunter — diz ele ao erguer suas mãos em posição de rendição.

— Quanto tempo você achou que poderia me enganar? Não, espera, por quanto tempo você ia enganar a sua filha?

— Deixe a Faith fora disso — avisa.

— Quer que esconda da minha mulher quem é o verdadeiro pai dela? Tsc, tsc, tsc, pensei que você fosse melhor do que isso, sogrão.

— Permiti que ela se envolvesse com você, Hunter, não tente usar minha filha contra mim.

Levanto da poltrona sem perdê-lo da minha mira, caminho até que estar com o cano da pistola encostado à sua testa.

— Fui contra trazê-la pra cá, desde que não tinha o perfil que recrutávamos, mas nem com toda

PERIGOSAS ACHERON

minha loucura, imaginei que você teria uma filha, muito menos que a traria aqui.

— Se é só isso, Hunter, é melhor ir, seus companheiros estão em uma missão sem você.

— Sobre isso — empurro a arma e ele dá um passo para trás —, não se preocupe, eles estão indo para o lugar certo, e vão esperar.

Ele não vacilou quando mencionei sobre Faith ser sua filha, mas agora, seus olhos alargam em surpresa.

— Você foi o culpado pela morte dos meus pais. Você foi o culpado pelo meu sequestro.

— Nós resgatamos você. — Fica na defensiva.

— Eu já estava morto quando vocês chegaram. — Meu tom de voz aumenta.

Eu me afasto o suficiente para atirar na sua perna, ele grita e cai em seus joelhos.

— Você me transformou em um monstro.

Atiro em seu braço. O impacto o faz cair para trás.

— Você sempre foi um monstro, Hunter — rosna.

Olho para todo o sangue que começa a  
PERIGOSAS ACHERON

acumular ao redor, sua roupa alinhada, cara, agora machada de vermelho. Isso me anima. Talvez o filho da puta tenha razão, sempre fui um monstro.

Agacho para que ele possa olhar em meus olhos, tenho que lhe dar crédito, porque mesmo com duas balas no corpo, ele não esboça sofrimento. Uma pena, infelizmente não tenho tempo para brincar hoje.

— Nesse caso, você vai morrer sabendo que esse monstro será pai do seu neto. — Sua expressão surpresa me deixa satisfeito. — Vai pro inferno, vovô.

*Bang!*

“Se o homem não descobriu nada pelo qual  
morreria, não está pronto para viver.”

**MARTIN LUTHER KING**

## CAPÍTULO 25

HUNTER

Ouçõ a explosão da estrada, mesmo com o barulho da moto, e usando o capacete, o estrondo é bem grande. Vai chamar toda atenção que Roger nunca quis para aquele lugar. Sorrio internamente com a lembrança do nome dele. O desgraçado nunca nos permitiu falar em público. Agora, quem é Roger Bishop, afinal de contas?

Apenas um corpo no meio dos escombros, isso, se encontrarem algo que valha a pena enterrar.

Acelero mais, já que envieí uma mensagem para Savage informando que estava a caminho. Eles estão a postos, vigiando a casa onde Mathias está escondido. O filho da puta não espera pela visita. E dessa vez, vou me certificar que ele saiba exatamente o que vai lhe atingir, ou melhor, quem vai, porque esse prazer será todo meu.

Meia hora depois estou no bairro, e vejo que o local não está muito diferente do que me



recordava. Paro a moto ao lado do carro e Savage abre a janela.

— Seja lá o que você fez, espero que tenha valido a pena — diz ele, mas ignoro, eu olho para dentro do carro e tenho a visão que quero.

Faith está aliviada ao me ver, e porra, eu poderia entrar nesse carro agora e fodê-la no banco de trás.

— O que temos? — pergunto.

— A casa parece abandonada, mas há movimento de pessoas entrando. Contamos cinco desde que chegamos aqui, ninguém saiu — responde Sayuri.

— Alguém viu vocês?

— Não. Dominic fingiu comprar drogas, eles estão nos deixando em paz — Faith diz com um semblante enojado. Sorrio, ela não viu nem metade das coisas que acontecem nesse bairro.

— Está na hora do show — digo a eles e desço da moto.

— Não sabemos o que tem lá dentro, Hunter, e nem quantos são — Savage adverte.

Olho para todos, parando meu olhar em Faith. Eu odeio ter que trazê-la aqui, mas de jeito

# PERIGOSAS ACHERON

nenhum eu arriscaria deixá-la naquele lugar. Roger saberia como me atingir, e isso não era uma opção.

— Esse vai ser nosso último trabalho — informo e olho para a casa que não está muito longe —, então, nem pensem em morrer hoje.

— O que você fez, Hunter? — pergunta Savage.

— Nos liberei de uma prisão.

Savage demora apenas dois segundos para compreender. Com todas as nossas desavenças, nos arriscamos muitas vezes juntos, então ele sabe exatamente o que fiz, não preciso dar maiores explicações. Ele suspira aliviado.

— A honra é toda sua. — Aponta o caminho dando-me passagem.

Olho para Faith e seguro a mão dela, que aperta assim que entrelaçamos nossos dedos, afirmando que está comigo. Nós quatro caminhamos até a casa onde passei uma boa parte da minha vida. Onde tive todo e qualquer indício de bondade e dignidade roubados. E é por isso que não toco a campainha. Chuto a maldita porta e entramos atirando em qualquer coisa que esteja se movendo.

Os gritos são histéricos, mulheres correm  
PERIGOSAS ACHERON

seminuas tentando escapar, mas não há como, não quando somos nós que estamos puxando o gatilho. Faith atira sem dificuldade, ela não hesita, assim como Sayuri. As duas juntas podem ser um problema para qualquer filho da puta.

— Vou lá em baixo — digo a eles quando não há mais ninguém para matar. Faith olha em volta, e deixa a arma cair no chão, acho que é o momento em que se dá conta do que realmente fez.

— Faith? — Savage vai até ela. — Você está bem? — Ela pisca assustada.

— O que foi isso? — sussurra.

— Tirem ela daqui — ordeno.

— Você não pode ir lá sozinho, Hunter.

— Eu não pedi, Savage, ordenei. Tire ela daqui, Sayuri também.

— Quer se matar agora? — questiona Sayuri.

— Mathias está trancado lá embaixo, sozinho.

— Como sabe disso? — Faith parece sair do transe.

— Por que eu o conheço, ele é covarde demais para vir até aqui, e acha que uma porta de PERIGOSAS ACHERON

madeira vai protegê-lo.

— Noah, por favor... — Faith coloca a mão no meu peito e eu a puxo para mim.

— Vá com Savage, você vai ficar bem.

— E você? Vai ficar bem?

— Nunca tive nada para me apegar, Faith, nada que me motivasse a voltar, agora eu tenho e nada vai impedir que eu te encontre.

— Eu não vou deixar você. — Tenta se afastar, mas a contenho. — Você vai me deixar, vai sair daqui e vai ficar em segurança. Eu vou te achar, Faith, eu tenho você.

Beijo seus lábios, e depois me afasto.

— Tem uma pessoa esperando vocês lá fora, vão com ele.

— Como vai entrar lá? — Savage se refere ao porão onde Mathias está escondido.

— Com um machado.

Sorrio e vou na direção do porão. A vizinhança aqui é da pior espécie, tiroteios não são incomuns, mesmo assim, sei que não tenho muito tempo.

Ouçó quando Faith protesta ao ser levada por Savage, mas me desligo disso. Não posso me

PERIGOSAS ACHERON

desconcentrar agora, não quando estou tão perto.

Echo está aguardando para levá-los em segurança até o aeroporto, logo, logo, a merda será jogada no ventilador, e provavelmente alguns rostos estarão no noticiário. Só que Faith não ficará no aeroporto, tenho outros planos para ela.

A escada para o porão está malconservada, é claro que o sovina não ia se dar ao trabalho de mudar a madeira quebrada. E como idiota previsível que ele é, o machado que vou usar para chegar até ele está bem ao lado da porta.

— Hora de conhecer seu criador, Mathias!

Grito na frente da porta e começo a quebrá-la. A madeira é densa, só que nem uma parede blindada me impediria de chegar até o pedaço de merda que venho caçando há anos.

Bato cada vez mais forte, mais rápido. Pedacos de madeira voam para todos os lados, até que um buraco no meio se forma. Chuto até abrir espaço suficiente. Quando entro, estou ofegando. O machado na minha mão parece pesar mais por causa do esforço, mas a visão que tenho faz todo trabalho valer a pena.

Mathias está na minha frente, com as mãos

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

trêmulas, apontando uma arma na minha direção.

— Quem é você? — pergunta.

— Sabe, é meio cansativo ter que me apresentar cada vez que encontro um de vocês. Não reconhece mais seu bicho de estimação?

Mathias demora mais do que eu esperava para me reconhecer, talvez seja sua mente velha, ou as drogas que estão em seu sistema.

— Noah. — Ouvir meu nome saindo da sua boca me deixa doente.

— Em carne, osso e ódio — respondo sem tirar os olhos dele.

— Você tem muita coragem de vir até aqui — diz ainda apontando a arma, mas suas mãos tremem tanto que contenho uma risada.

— E você só tem uma chance, é melhor saber usá-la.

Ele entende o que digo, e atira. A bala atinge meu ombro direito, fazendo meu corpo inclinar para o lado. Porém, me recupero.

— Se fosse você, tentava de novo. Tente tremer menos. — Começo a andar na sua direção, um passo de cada vez. Mathias atira novamente, dessa vez atingindo meu ombro esquerdo.

PERIGOSAS ACHERON

Porra, isso vai me causar uma puta dor.

Mathias vacila quando percebe que não me derruba, e quando tenta atirar novamente, desço o machado em seu braço, cortando o membro pela metade.

Sangue jorra na minha direção. Manchando minha roupa.

— Espero que você não seja apegado a esse braço. — Aponto para o braço no chão. Mathias cai ajoelhado gritando de dor. — Ou esse outro braço. — Desço o machado mais uma vez.

O cabo vibra em minha mão quando a ferramenta fica presa. Droga, essa merda está enferrujada.

— Ops! — debocho e retiro o machado da sua omoplata. — Você deveria amolar essas coisas, seria mais rápido.

— Por que você simplesmente não me mata?! — grita urrando de dor. Ele está ficando cada vez mais pálido por causa da perda de sangue e sei que logo vai desmaiar.

— Isso acabaria com a minha diversão. O que vai ser agora? Uma perna? Será que esse troço enferrujado consegue cortar seu fêmur? Vamos PERIGOSAS ACHERON

testar.

Seguro o machado com ambas as mãos, erguendo os braços acima da minha cabeça, a ferida da bala em meus ombros dói, mas eu aplico toda a força que tenho ao desferir o golpe, e consigo o que quero.

— Sabe, eu acho que vou guardar esse machado. — Mathias está desmaiado quando sua perna é partida. — Dê um oi para o diabo por mim. — Mais uma vez ergo o machado, e quando abaixo, é para ver a cabeça de Mathias rolando pelo porão.

Estou coberto de sangue, ferido, porém, nunca me senti tão bem.



“Há sempre mais bondade no mundo do que parece haver, porque a bondade é, por natureza, modesta e reservada.”

**EVELYN BEATRICE HALL**



FAITH

Há uma sensação de paz quando fecho os olhos. Sinto como se o sol acariciasse minha pele sempre que faço isso. Com o rosto virado para cima, inspiro profundamente. Deixo o ar puro entrar nos meus pulmões e sair devagar.

Faço esse movimento três vezes. Todos dias após o café da manhã venho para fora e contemplo o dia. E quando meus olhos abrem, é impossível não sorrir para o que vejo.

O céu do Texas é de um azul que parece infinito. Estamos em uma fazenda ao norte de Dallas, em Bartonville. É uma propriedade enorme, com uma cocheira com dez baias para abrigar os cavalos, um enorme lago e quilômetros de pastos. Cercada por uma floresta de tirar o fôlego, aqui, conseguimos viver em paz.

Sem barulhos, sem tiroteios.

Apenas nós e os animais.

Volto para a varanda e sento no banco, observando com um sorriso quando Echo se aproxima. Ele também está com um enorme sorriso no rosto, que suspeito ser causado por algo que o garoto em cima do cavalo disse.

Echo está segurando as rédeas do animal, sua camisa enrolada na cintura deixa seu peitoral exposto, sua pele negra reluz com o sol da manhã; é como se tivesse sido forjado em puro músculo. Tenho certeza que é capaz de quebrar um tronco de árvore com apenas um golpe.

Mas o que ele tem de enorme e assustador, tem de bom ser humano. Esse lugar pertence a Noah, e é Echo quem cuida de tudo. Ele me trouxe aqui depois que nos separamos de Dominic e Sayuri e desde então, cuida do meu bem-estar e da criança que está fazendo birra dentro de casa porque não quer se arrumar.

Levo a mão até a boca para conter uma gargalhada ao ouvir Sayuri proferir um palavrão. Ela é uma visitante constante nesses dois anos, diferente de Dominic, do qual não tivemos mais notícias.

Desde aquele dia, minha vida não tem sido

## PERIGOSAS ACHERON

mais a mesma. Nada do que tive antes de ir para a SIRIS me foi dado de volta. Era um novo começo. Uma nova vida, e agora eu era responsável pelo bem-estar de outro ser humano.

Descobri minha gravidez três meses após chegar na fazenda. Foi o dia mais feliz e mais triste da minha vida. Noah me deixou uma parte dele, mas ainda não tinha voltado para mim.

Olho novamente para frente e aceno para os dois. Cole sorri ao me ver e dá um tímido aceno, assim como Echo. Nossa comunicação foi difícil no começo, Echo não é um homem que fala, e isso não se dá ao fato de ser uma pessoa introvertida.

Segundo ele me contou, teve suas cordas vocais queimadas quando ainda era criança, no mesmo período em que conheceu Hunter. Os dois têm uma amizade inabalável.

Também fiquei surpresa ao descobrir quem era Cole. Quando vi que ele carregava a mesma tatuagem de lobo na mão, minha primeira reação foi de pânico, mas Echo me explicou que ele era a criança que todos pensavam que Noah havia matado.

Foi nesse dia que tive a certeza de que estava  
PERIGOSAS ACHERON

apaixonada por Noah Hayes.

— Juro por Deus que eu não conheço ser humano tão semelhante ao pai, e ele só tem um ano. — Sayuri aparece na varanda com Nico em seus braços. Meu filho sorri amplamente ao me ver e estica os bracinhos.

— Você está exagerando, meu bebê é um anjo. — Pego Nico em meus braços e beijo sua bochecha gordinha; ele ri, e o som me lembra a risada de seu pai. Eu me sentia exatamente assim quando ouvia, como se esse som fosse espantar tudo que há de ruim.

— Ele é teimoso e mandão, exatamente como Hunter era — diz ela ao sentar-se ao meu lado.

— Como é, Sayuri — a corrijo, porque me incomoda quando ela se refere a Noah no passado.

— Não tivemos notícias dele, Faith. A não ser a carta, que ele já havia deixado com Echo, não há nem sombra dele. Ninguém sabe se está vivo.

— Ele está, Sayuri, eu sei que está. — Viro para olhar em seus olhos, para tentar passar para ela a certeza que tenho. — Noah não nos deixaria, ele jamais me deixaria viver com essa dúvida.

Ela assente, e volta a olhar para frente. Aperto Nico contra meu peito, e a verdade é que falo essas palavras todos os dias antes de dormir para mim mesma.

No dia que cheguei aqui, Echo entregou uma carta, e nela, Noah explicava tudo sobre o lugar, sobre seu amigo, inclusive, mencionou que tinha certeza que eu estava grávida, mesmo que tenhamos transado apenas uma vez. Suas palavras me surpreenderam, mas três meses depois, estava vomitando constantemente e olhando assustada para um teste de farmácia com o resultado positivo.

É essa carta que me dá esperanças, pois no final, ele foi bem claro que voltaria, e ele não mentia, não importavam as circunstâncias.

Continuamos observando Cole passeando a cavalo, com Echo como instrutor, até que uma vibração chama nossa atenção. É o celular de Sayuri, e fico em alerta no instante em que vejo seu semblante preocupado.

— O que foi?

— Faith... eu...

— O que aconteceu, Sayuri? — Aperto Nico contra meu peito um pouco mais forte.

— Dominic foi encontrado.

— Onde?

— Em um apartamento, aqui no Texas. Ele foi encontrado morto, Faith.

Sayuri olha novamente para o celular, ela não parece acreditar nas próprias palavras. Mas eu, sim.

— Ele está aqui — afirmo.

— Faith, não faça isso, não foi Hunter que matou Dominic. — Ela mostra a foto do corpo do homem que um dia chamei de marido, e há apenas um buraco de bala entre seus olhos. — Hunter não mata dessa forma, não faria isso justamente com Dominic.

— Você está errada, Sayuri. — Beijo a cabeça de Nico e o entrego a ela. — Ele está aqui, eu sei disso, porque não há ninguém nesse planeta que seria capaz de matar Dominic, a não ser o homem que você chama de Hunter.

Saio correndo pela escada com um sorriso no rosto. Meus pés estão descalços, mas a grama amortece o impacto da minha corrida. Ninguém tenta me impedir. .

Passo correndo por Echo e Cole, que param

# PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

para me observar. Continuo correndo até a porteira que dá acesso à estrada, e não paro.

Corro pela estrada de asfalto, machucando meus pés. Corro até sentir meus pulmões arderem. Corro tanto, que consigo ouvir sua voz.

— *Mais rápido.*

Corro.

— *Mais rápido.*

Corro, até sentir meu pé sangrar.

— *Mais rápido.*

Corro, até ver uma silhueta caminhando devagar na estrada, vindo na minha direção. Então eu corro ainda mais, porque sei, que dessa vez, estou correndo para os braços dele.

# PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

“A alma é essa coisa que nos pergunta se a  
alma existe.”

**MARIO QUINTANA**

PERIGOSAS ACHERON



## EPÍLOGO DO EPÍLOGO

DOM

Olho para a porta da frente que deixei destravada na esperança de que não vá demorar. Minha última garrafa de bebida já está vazia, mas tenho certeza de que não precisarei de outra. Não mais, pelo menos.

Graças a Deus.

Os papéis na minha frente zombam de mim, da minha inteligência. É a prova de que não sabemos nada sobre essa brincadeira que chamamos de vida.

Somos marionetes de algo muito maior.

Quando a porta range, um pequeno sorriso se forma em meu rosto. Esse movimento muscular tornou-se inexistente nos últimos meses. Mas agora, ele surgiu, em forma de esperança.

— Você demorou — digo quando a figura

entra na sala, ele não se dá ao trabalho de fechar a porta.

— Você não é muito fácil de achar — diz ele.

— Aprendi com o melhor — retruco sem me levantar do sofá.

Hunter permanece imóvel no centro da sala. Esse apartamento é minúsculo, comparado aos outros onde estive hospedado nesses dois anos. Mas é o lugar perfeito para fazer o que é necessário.

— Talvez não tenha te ensinado corretamente, Savage, você me deixou uma pista que era semelhante a uma placa de neon. Por quê?

Olho para os papéis em cima da mesa e aponto. Hunter os pega e começa a ler o conteúdo. A cada página que ele olha, sua expressão se altera. É, eu sei exatamente como é, mas de uma forma bem mais esmagadora.

— Quando soube? — pergunta e larga os documentos novamente na mesa.

— Há uns seis meses.

— Foi por isso que deixou o rastro? Por isso toda a bebida? — questiona ao olhar ao redor. Bem,  
PERIGOSAS ACHERON

foda-se, a sala mal tem espaço para caminhar sem que se tropece em uma garrafa vazia.

— Não me culpe por beber para tentar esquecer de toda essa merda, Hunter. Descobrir que estive transando com a minha irmã não é algo que gosto de ficar recordando.

— Ela é sua meia-irmã, de acordo com esses documentos. — Rio sem humor.

— Eu não só transava com ela, Hunter, eu me apaixonei por ela, nós fomos casados, porra! — Saio do sofá e ele pega a arma. — Acabe logo com isso, Hunter.

— Como você tem certeza que é verdade?

— Passei seis meses investigando cada pista, cada contato. É verdade, Hunter, Faith e eu somos irmãos, Roger era o nosso pai.

— Merda. — Ele baixa a arma. — Sinto muito, Savage, isso não constava nos documentos que descobri. Quando pedi para Echo cavar fundo, depois de Mathias desaparecer, os documentos que ele trouxe só falavam sobre a Faith.

— Eu sei, encontrei quando voltei para minha antiga casa. Estava escondido em um piso falso no quarto dos meus pais. Há mais, Hunter, há

PERIGOSAS ACHERON

outro envelope que mostra fotos de nós três, quando éramos bebês.

— Você sabe que Roger foi o responsável pela morte dos seus pais, mas acho que os planos dele saíram do controle. Pelo que li, você deveria ter sido levado para outra família, assim como eu fui, e a Faith.

— O que você fez com isso?

— Queimei, apaguei qualquer coisa que nos ligasse. Agora eu preciso que você termine isso, Hunter, você tem me procurado todo esse tempo, é a sua chance.

— Por que não viver, Savage? E contar a verdade a ela?

— Você quer matá-la por dentro? Porque eu garanto a você, eu conheço a Faith, Hunter, é isso que vai acontecer com ela se descobrir, eu não quero ser o causador disso também. Ela está feliz, tem seu filho, faça seu trabalho, e volte para sua família.

— Então não foi só eu que mantive um olho neles?

— Nunca me descobriram, nem mesmo seu leão de chácara — zombo, mas ele não ri da minha  
PERIGOSAS ACHERON

piada.

— Eu queria te matar, porque sabia que você não desistiria dela, Savage, agora... — ele olha em volta — isso não faz mais sentido.

Raiva corre pelas minhas veias quando ele diz essas palavras. Olho para o sofá, embaixo da almofada está a minha arma, ele percebe meu movimento, mas não faz nada para me deter.

Pego minha arma, e aponto para minha cabeça.

— Pensei que pudesse morrer de uma forma decente, Hunter, pelas mãos de um cara que sempre buscou por justiça, mas você não é o que eu esperava. Acho que vou ter que fazer isso sozinho.

— Espera — diz ele. — Eu nunca menti pra ela, Savage, não quero começar agora.

— Só vai ser uma mentira se ela um dia te perguntar e você der uma resposta diferente, se não, é omissão, Hunter. Acredite em mim, saber disso me mata todo santo dia. Você não quer isso para a mulher que ama. Eu me afastei para dar um tempo a ela, para que Faith pudesse respirar um pouco, colocar a cabeça no lugar depois de tudo que passou, só que, quando decidi voltar, a vida

PERIGOSAS ACHERON

resolveu me castigar.

— Tudo bem. — Hunter saca a arma e mira entre meus olhos. — Não que você mereça, por tudo que já fez, mas eu vou fazer rápido.

— Prometa que destruirá todos esses documentos, Hunter.

— Há mais alguma coisa que precise ser cuidada? — pergunta, eu sei a que ele se refere, Hunter está perguntando se há alguém que precise morrer para que essa história permaneça enterrada.

— Já cuidei de tudo. — Ele assente.

— A gente se vê, Dominic Savage, mas não tão cedo.

É ouvindo essas palavras, que meus olhos fecham, e tudo fica escuro para sempre.

## FIM

“Sempre é preciso saber quando uma etapa chega ao final. Encerrando ciclos, fechando portas, terminando capítulos – não importa o nome que damos, o que importa é deixar no passado os momentos da vida que já se acabaram.”

**GLORIA HURTADO**





A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Temos o nosso próprio evento, o The Gift Day, onde fazemos parcerias com outras editoras para trazer autores nacionais e estrangeiros, além de modelos de capas.

A The Gift também está presente no mercado internacional de eventos, com patrocínio e participação em alguns como o RARE London (Fevereiro) e RARE Roma (Junho).

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

<http://www.thegiftboxbr.com>

<Facebook.com/thegiftboxbr.com>

Instagram: [@thegiftboxbr](#)

Twitter: [@thegiftboxbr](#)

PERIGOSAS ACHERON